

P.C. CAST + KRISTIN CAST



indomável

UM ROMANCE DA CASA DA NOITE

Tradução de Susana Serrão

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina

*Este livro é dedicado aos alunos, passados e presentes,
da South Intermediate High School em Broken Arrow,
Oklahoma. Obrigada pelo vosso entusiasmo, sentido de
humor e apoio à série. A SIHS é a maior!
Dedicamo-lo também às senhoras da associação
Tulsa Street Cats. Não são freiras, mas podemos
chamar-lhes as santas dos gatos!*

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de agradecer à nossa maravilhosa agente, Meredith Bernstein, sem a qual a Casa da Noite não poderia ter nascido.

Um grande BEIJINHO para a nossa espantosa equipa na editora St. Martin's: Jennifer Weis, Anne Marie Tallberg, Matthew Shear, Carly Wilkins, Brittney Kleinfelter, Katy Hershberger, Talia Ross e Michael Storrings. É maravilhoso gostar tanto de trabalhar com um grupo de gente.

Obrigada aos fãs da Casa da Noite – o nosso reconhecimento! Obrigada à associação Tulsa Street Cats pelo apoio, sentido de humor e tudo o que fazem pelos gatos. Para saber mais sobre a associação e/ou para donativos, visitem www.street-catstulsa.org. Eu e a Kristin adoramos a Street Cats!



indomável



PRIMEIRO CAPÍTULO

O cá cá cá de uma estúpida gralha não me deixou pregar olho a noite inteira (bem, será mais correto dizer o dia inteiro – já que, como sabem, sou iniciada vampyra e temos toda a questão do dia e da noite virados ao contrário). Seja como for, não dormi nada esta noite/dia. Porém, atualmente a falta de sono é a coisa mais fácil com que tenho de lidar, visto que a vida é *realmente* uma treta quando os nossos amigos estão zangados conosco. Eu bem sei. Chamo-me Zoey Redbird e atualmente sou a Rainha da Terra Onde os Amigos se Zangam Conosco, sem concorrência.

Perséfone, a grande égua baia, a que eu podia chamar minha enquanto morasse na Casa da Noite, meteu a cabeça de fora e encostou o focinho à minha bochecha. Dei-lhe um beijinho naquele pelo macio e continuei a escovar o cachaco esguio. Tratar de Perséfone ajudava-me a pensar e fazia-me sempre sentir melhor. E eu precisava mesmo de ajuda nessas duas coisas.

— Pronto, consegui evitar o Grande Confronto durante estes dois dias, mas isto não pode continuar assim — disse eu para a égua. — Pois, eu sei que eles estão na cafeteria agora, a jantar todos juntinhos e amiguinhos e a deixarem-me completamente de fora.

Perséfone resfolegou e continuou a comer feno.

— Pois, também acho que são uns parvos. Claro que lhes menti, mas foi mais por omissão. E sim, escondi-lhes coisas mas, na sua maioria, foi para o bem deles. — Suspirei. Bem, a parte de Stevie Rae estar morta-viva fora para o bem deles. A parte de eu estar apanhadinha por Loren Blake – Poeta Laureado Vampyro e professor na Casa da Noite –

bem, isso foi mais para meu próprio bem. — Mesmo assim. — Perséfone virou uma orelha para trás, à escuta. — Estão a ser mesmo intransigentes.

Perséfone tornou a resfolegar. Eu tornei a suspirar. Caraças. Não os podia evitar durante mais tempo.

Depois de dar mais uma palmadinha à doce égua, saí lentamente da cocheira e fui à arrecadação arrumar as almofaças e escovas de crina/cauda que usara para tratar dela naquela última hora. Inalei fundo o cheiro a cavalo e a couro, deixei que a mistura calmante me apaziguasse os nervos. Deparei com o meu reflexo no vidro polido da janela da arrecadação, e passei automaticamente os dedos pelo cabelo preto, a tentar desfazer o ar de ter saído da cama naquele momento. Fui Marcada como vampyra iniciada e mudei-me para a Casa da Noite há pouco mais de dois meses, mas o meu cabelo já está mais espesso e comprido. E um cabelo muito bom era apenas um das muitas mudanças que se passavam dentro de mim. Algumas eram invisíveis – como o facto de eu ter afinidade por todos os cinco elementos. Outras havia que eram bem visíveis – como as tatuagens únicas que me emolduravam o rosto, num padrão exótico e complexo, e depois, como jamais acontecera a vampyra ou iniciada alguma, o desenho cor de safira espalhava-se pelo pescoço e pelos ombros, descia pela coluna e, mais recentemente, rodeara-me a cintura, facto de que apenas a minha gata, *Nala*, a nossa deusa Nyx, e eu, tínhamos conhecimento.

A quem é que eu havia de mostrar?

— Bem, ontem tinhas não apenas um, mas três namorados — disse eu para a figura de olhos negros e meio sorriso cínico refletida no vidro. — Mas deste cabo disso, não foi? Hoje, não só não tens namorado nenhum, como nunca mais ninguém confiará em ti durante, sei lá, o resto da vida e mais seis meses. — Bem, tirando Afrodite, que se tinha passado completamente e zarpado dali para fora dois dias antes, porque podia ter sido transformada em humana outra vez, e Stevie Rae, que fora atrás da dita Afrodite passada e reumanizada, porque pode ter sido ela a causar a transição de iniciada para humana, quando eu invoquei um círculo e a transformei de miúda morta-viva sinistra em miúda vampyra com tatuagens vermelhas estranhas, mas outra vez ela mesma. — Seja como for — disse para mim mesma em voz alta — conseguiste indispor praticamente toda a gente que existe na tua vida. Bom trabalho!

Já me começara a tremer o beijo e sentia os olhos marejados de lágrimas. Não. Ficar de olhos vermelhos não me serviria de nada. Quer dizer, a sério, se servisse, eu e os meus amigos teríamos feito as pazes dias antes. Ia mesmo ter de os enfrentar e tentar emendar as coisas.

A noite de finais de dezembro estava fria e algo enevoada. Os candeeiros ao longo do passeio que ia dos estábulos e da casa de campo da escola até ao edifício principal tremeluziam com auréolas de luz amarela, belíssimos, como que vindos do outro mundo. Aliás, todo o *campus* da Casa da Noite era magnífico, e fazia-me sempre pensar numa coisa mais consentânea com uma lenda arturiana do que com o século XXI. *Adoro isto aqui*, lembrei a mim mesma. *É a minha casa. É onde eu devo estar. Vou fazer as pazes com os meus amigos, e depois ficará tudo bem.*

Ia a morder o lábio e a ralar-me sobre como iria fazer as pazes ao certo com os meus amigos, quando este stresse mental foi interrompido pelo ruído de qualquer coisa a adejar e a encher o ar à minha volta. Houve qualquer coisa no ruído que me provocou arrepios na espinha. Olhei para cima. Não havia nada acima de mim, a não ser escuridão e o céu e os ramos invernosos e nus dos enormes carvalhos que orlavam o passeio. Estremeci de alto a baixo, como se alguém andasse por cima da minha campa, e a noite passou de suave e brumosa para tenebrosa e malévola.

Espera aí – tenebrosa e malévola? Mas que estupidez! Provavelmente não tinha ouvido nada mais sinistro do que o vento a fazer restolhar os ramos das árvores. Credo, estava mesmo a passar-me.

Continuei a andar, e a abanar a cabeça para mim mesma, mas não dera mais de dois passos quando tornou a acontecer. O adejar esquisito por cima de mim fez mesmo com que o ar, que parecia ter arrefecido vários graus, batesse loucamente contra a minha pele. Ato contínuo, estiquei um braço no ar, já a imaginar morcegos e aranhas e toda a espécie de coisas nojentas.

Os meus dedos passaram pelo nada, mas era um nada gelido, e senti uma dor gelada na mão. Completamente aterrada, gemi e levei a mão ao peito. Por momentos, não soube o que fazer, e senti o corpo entorpecido de medo. O adejar aumentava e o frio intensificava-se quando finalmente me consegui mexer. Baixei a cabeça e fiz a única coisa que me ocorria fazer. Fugi a correr até à porta mais próxima da escola.

Depois de entrar, bati com a pesada porta de madeira e, ofegante, virei-me para espreitar pelo postigo. A noite mexia-se e nadava diante dos meus olhos, como tinta preta numa folha escura. Mesmo assim, a sensação terrível de um medo gelado não me abandonava. O que estava a acontecer? Quase sem perceber o que fazia, sussurrei:

— Fogo, vem a mim. Preciso do teu calor.

O elemento respondeu de imediato, enchendo o ar que me rodeava com o calor agradável de uma lareira. Ainda a olhar pelo postigo, fiz força com as palmas das mãos na madeira áspera da porta.

— Lá fora — murmurei. — Manda o teu calor lá para fora também. — Com uma onda de tepidez, o elemento afastou-se de mim, passou pela porta e derramou-se na noite. Ouviu-se um silvo, como vapor libertado por gelo seco. A bruma rodopiou, espessa e grumosa, eu senti uma vertigem que me deixou algo enjoada, e a estranha escuridão começou a evaporar-se. Depois o calor venceu rotundamente o frio e, tão de repente quanto tudo começara, a noite voltou a estar sossegada e familiar.

Mas o que é que acabara de acontecer?

Senti a mão a arder e tirei os olhos do postigo. Nas costas da mão tinha marcas vermelhas, como se uma coisa com unhas, ou garras, me tivesse arranhado a carne. Esfreguei aquelas marcas assanhadas, e arderam-me como a queimadura de um ferro em brasa.

Depois a sensação assolou-me com força, esmagadora – e soube, com o sexto sentido que a Deusa me dera, que não devia estar ali sozinha. O gelo que manchara a noite – a coisa fantasmagórica que me fizera fugir para dentro e me arranhara a mão – enchera-me de um sentimento terrível e, pela primeira vez em muito tempo, senti-me verdadeira e completamente aterrorizada. Não pelos meus amigos. Não pela minha avó ou pelo meu ex-namorado humano, nem sequer pela minha mãe desnaturada. Tinha medo por mim mesma. Não se tratava apenas de *querer* a companhia dos meus amigos; eu precisava deles.

Ainda a esfregar a mão, obriguei as pernas a mexerem-se e soube, sem dúvida alguma, que preferia enfrentar a mágoa e o desapontamento dos meus amigos do que qualquer coisa negra que pudesse estar à minha espera a coberto da noite.

Fiquei um segundo do lado de fora das portas da «sala de jantar» apinhada (ou seja, a cafetaria da escola), a ver os outros miúdos conversarem descontraída e alegremente todos juntos, e quase me senti esmagada pelo desejo súbito de poder ser apenas mais uma iniciada – não ter aptidões extraordinárias, nem as responsabilidades inerentes a essas aptidões. Por segundos desejei tanto ser normal que até me custou respirar.

Depois senti uma brisa suave na pele que parecia aquecida pelo calor de uma chama invisível. Senti cheiro a maresia, embora não haja mar nenhum em Tulsa, Oklahoma. Ouvi passarinhos a cantar e cheirou-me a relva acabada de cortar. Dentro de mim, o meu espírito tremeu com uma alegria silenciosa quando reconheceu os poderosos dons que a Deusa me concedera, a afinidade com cada um dos cinco elementos: ar, fogo, água, terra e espírito.

Eu não era normal. Não era como ninguém, iniciada ou vam-

pyra, e era incorreto da minha parte desejar o contrário. E parte da minha singularidade estava a dizer-me que eu tinha de entrar e tentar fazer as pazes com os meus amigos. Endireitei as costas, varri a sala com olhos isentos de autocomiseração, e encontrei facilmente o meu grupo especial sentado na mesa do costume.

Respirei fundo e atravessei rapidamente a cafetaria; fui assentindo ou sorrindo aos miúdos que me cumprimentavam pelo caminho. Reparei que toda a gente parecia reagir à minha pessoa com a mescla habitual de respeito e assombro, ou seja, os meus amigos não tinham andado a dizer mal de mim ao povo. Também queria dizer que Neferet não tinha lançado um ataque aberto e declarado à minha pessoa. Por enquanto.

Agarrei numa salada e numa cola. Em seguida, agarrada ao tableiro com tanta força que até tinha os dedos brancos, marchei direitinha à nossa mesa e sentei-me, como de costume, ao lado de Damien.

Quando me sentei, ninguém olhou para mim, mas a conversa morreu de imediato, coisa que detesto sobremaneira. Quer dizer, há lá coisa mais desagradável do que chegar ao pé de um grupo de presumíveis amigos, e eles calarem-se de maneira tal que sabemos logo terem estado a falar de nós? Argh.

— Olá — disse eu, em vez de fugir ou de desatar a chorar, como me apetecia.

Ninguém disse nada.

— Então, novidades? — Fiz a pergunta a Damien, sabendo que o meu amigo *gay* seria naturalmente o elo mais fraco da cadeia «não falamos com a Zoey».

Infelizmente, foram as Gémeas quem respondeu, e não Damien, *gay*, logo, mais sensível e educado.

— Nadinha de nada, não é, Gémea? — Disse Shaunee.

— Pois é, Gémea, nadinha de nada. Porque não se pode confiar em nós para sabermos de nada — disse Erin. — Gémea, sabias que não somos mesmo nada de confiança?

— Até há pouco tempo não sabia, Gémea. E tu? — Retorquiu Shaunee.

— Também só há pouco tempo é que soube — rematou Erin.

Pronto, as Gémeas não são realmente gémeas. Shaunee Cole é uma jamaicana-americana cor de caramelo e foi criada na Costa Leste. Erin Bates é uma loura espampanante que nasceu em Tulsa. Conheceram-se depois de serem Marcadas e mudaram-se para a Casa da Noite no mesmo dia. Fizeram clique logo, logo – era como se a genética e a geogra-

fia não existissem. Terminavam mesmo as frases uma da outra. E naquele momento, olhavam-me as duas, furibundas e desconfiadas.

Credo, já me cansavam.

E também me enfureciam. Sim, tivera segredos para com elas. Sim, mentira-lhes. Mas tivera de ser. Bem, achava eu que tivera de ser. E aquela atitude gêmea mais papista do que o papa já me estava a torrar a paciência.

— Obrigada por esse comentário amoroso. E agora vou tentar perguntar a alguém que não responda numa versão estéreo da Blair horrorosa na *Gossip Girl*. — Deixei de lhes ligar e encarei Damien, embora ouvisse as Gémeas a sorverem ar e a prepararem-se para dizer algo de que, esperava eu, um dia se arrependessem. — Portanto, acho que aquilo que queria mesmo perguntar quando disse «novidades» era se tinhas reparado nalguma coisa estranha e fantasmagórica e aterradora a adejar lá fora. Reparaste?

Damien é um miúdo alto, muito giro, com feições perfeitas e olhos castanhos geralmente calorosos e expressivos mas que, naquele momento, estavam cautelosos e mesmo frios.

— Uma coisa fantasmagórica a adejar? — Retrucou ele. — Lamento, não faço ideia do que estás a dizer.

Senti o coração apertar-se-me com o tom distante da voz dele, mas disse para mim própria que, ao menos, ele respondera à pergunta.

— Quando vinha dos estábulos para aqui, houve qualquer coisa que me atacou. Não consegui ver nada, mas era fria e deixou-me um grande arranhão na mão. — Levantei a mão para lhe mostrar – e já não tinha arranhão nenhum.

Lindo.

Shaunee e Erin galhofaram juntas. Damien limitou-se a fazer um ar muito triste. Eu ia abrir a boca para explicar que havia um arranhão há minutos, quando Jack apareceu de rompante.

— Olá! Desculpem o atraso, mas quando vesti a camisa, reparei que tinha uma nódoa enorme logo à frente. Onde é que já se viu? — Comentou Jack, a despachar-se com o tabuleiro e a sentar-se no seu lugar, ao lado de Damien.

— Uma nódoa? Não é naquela camisa azul linda de manga comprida da *Armani* que te dei no Natal, pois não? — Perguntou Damien, e mexeu-se para dar espaço ao namorado.

— Minha nossa senhora, não! Nunca entornaria nada nessa. Adoro-a e... — As palavras morreram-lhe na boca quando deixou de olhar para Damien e me viu; engoliu em seco, e disse:

— Ah. Hum. Olá, Zoey.

— Olá, Jack — respondi, e sorri-lhe. Jack e Damien são namorados. Pois, são *gays*. Eu e as minhas amigas, nem quem quer que não seja tacanho nem intransigente, não nos importamos nada com isso.

— Não estava à espera de te ver — tartamudeou Jack. — Achei que ainda estavas... hã... bem... — Calou-se, com ar constrangido e a ganhar uma bela cor rosada.

— Achaste que ainda estava escondida no meu quarto? — Ajudei eu.

Ele assentiu.

— Não — respondi com firmeza. — Já me deixei disso.

— Bom, temos pena — começou Erin, mas antes que Shaanee pudesse corroborar como de costume, ouviu-se uma gargalhada muito sexy vinda da porta, e toda a gente se virou e ficou embasbacada.

Afrodite entrou na sala como um torvelinho, a rir-se e a fazer olhinhos a Dário, um dos mais novos e mais giros Filhos de Erebus, os guerreiros que protegem a Casa da Noite, e deu uma excelente sacudidela ao cabelo. A miúda sempre fora boa a fazer várias coisas ao mesmo tempo, mas fiquei chocada com o aspeto desprendido e completamente impassível que ela tinha. Dois dias antes, quase morrera, e depois passara-se completamente quando a meia-lua cor de safira – que aparece na testa de todos os iniciados, Marcando-os como tendo começado a Mudança que fará deles vampyros, ou os matará – lhe desaparecera da testa.

O que significava que ela se tinha transformado outra vez em humana, sabe-se lá como.



SEGUNDO CAPÍTULO

Pronto, achava eu que ela se tinha transformado outra vez em humana mas, até de onde eu estava sentada, pude ver que a Marca de Afrodite voltara. Os seus olhos azuis frios percorreram a cafetaria, enquanto ela fazia um ar presumido a olhar para os miúdos boquiabertos, mas depois voltou a olhar para Dário e deixou a mão pousada no peito do guerreiro.

— Foste um amor em trazer-me à sala de jantar. E tens razão. Eu não devia ter levado dois dias a acabar com as férias. Com tanta maluquice a acontecer, é melhor ficar no *campus*, onde estamos protegidas. E já que dizes que vais ficar destacado à porta do nosso dormitório, será mesmo o sítio mais seguro e giro para se estar. — Ela praticamente ronronava para ele. Credo, que era mesmo galdéria. Se eu não estivesse siderada por vê-la, teria começado a fingir que ia vomitar. Alto e bom som.

— E tenho de voltar para o meu posto. Boa noite, senhora minha — disse Dário. Fez-lhe uma vénia pronunciada, parecia um cavaleiro romântico e bem-parecido, sem o cavalo e a armadura brilhante, dos tempos de antanho. — É um prazer estar ao seu serviço. — Sorriu para Afrodite mais uma vez, antes de girar impecavelmente nos calcanhares e sair da cafetaria.

— E eu aposto que seria um prazer fazer-te um *servicinho* — disse Afrodite na sua voz mais porca, quando ele já não a podia ouvir. Depois virou-se para encarar a sala emudecida e embasbacada. Afrodite ergueu uma sobrancelha perfeitamente depilada e brindou-nos a todos com o seu esgar patenteado. — O que foi? Parece que nunca viram aqui a espampanância. Raios, só estive fora dois dias. A vossa memória de curto

prazo devia ser melhor. Lembram-se de mim? Sou a cabra espampanante que vocês todos adoram odiar. — Como ninguém dizia nada, ela revirou os olhos. — Enfim, não interessa nada. — Foi para o balcão das saladas e começou a encher o prato; o dique do barulho finalmente abriu-se e os miúdos desataram todos a dizer impropérios entre si e a comer, sem lhe ligar mais.

Para quem não soubesse, tenho a certeza de que Afrodite parecia a mesma pessoa ativa de sempre, mas eu conseguia ver o quanto ela estava tensa e nervosa. Raios me partam, sabia exatamente como ela se sentia – eu própria acabara de entrar na boca do lobo. Aliás, estava lá metida com ela naquele momento.

— Achei que ela era humana outra vez — Damien falou baixinho para todos nós. — Mas a Marca dela voltou.

— Os desígnios de Nyx são misteriosos — disse eu, a tentar ter um ar sábio de Sumo-Sacerdotisa formanda.

— Pois eu tenho outra palavra começada por M para os desígnios de Nyx, Gémea — disse Erin. — Consegues adivinhar?

— Mesmo marados? — Alvitrou Shaunee.

— Exato — confirmou Erin.

— Isso são duas palavras — contrapôs Damien.

— Oh, não seas tão mestre-escola — ralhou Shaunee. — Além disso, o que interessa é que Afrodite é uma megera, e nós tínhamos esperanças que Nyx a tivesse largado quando aquela Marca dela lhe desapareceu.

— Tínhamos grandes esperanças, Gémea — disse Erin.

Toda a gente olhou para Afrodite. Tentei empurrar a salada pela garganta abaixo. Estão a ver, é assim: a Afrodite tinha sido a iniciada mais popular, mais poderosa e mais cabra da Casa da Noite. Desde que caíra em desgraça junto da Sumo-Sacerdotisa, Neferet, e sido completamente ostracizada, Afrodite ficara reduzida a ser apenas a iniciada mais cabra da Casa da Noite.

Claro que, por mais estranho que pareça (e seja típico da minha pessoa), eu e ela tínhamos ficado mais ou menos amigas – ou, no mínimo, aliadas. Não era que quiséssemos que o povo soubesse disso. Não obstante, eu ficara ralada com o desaparecimento de Afrodite, embora Stevie Rae tivesse ido atrás dela. Quer dizer, não sabia de nenhuma das duas há dois dias.

Naturalmente, os meus outros amigos – nomeadamente Damien, Jack e as Gémeas – detestavam Afrodite. Por conseguinte, dizer que ficaram chocados e nada contentes quando ela veio diretamente para a

nossa mesa e se sentou ao meu lado, é um eufemismo tão grande quanto o do cavaleiro no *Indiana Jones e a Última Cruzada* que diz «Ele escolheu mal», quando o vilão bebe do cálice errado e o seu corpo se começa a desintegrar.

— É falta de chá ficarem a olhar embasbacados, mesmo para alguém tão espantosamente bela quanto *moi* — disse Afrodite, e deu uma garfada na salada.

— Mas que raio estás a fazer, Afrodite? — Perguntou Erin.

Afrodite engoliu e pestanejou com ar falsamente inocente para Erin.

— A comer, imbecil — respondeu, com doçura.

— Esta é uma zona livre de vadias — declarou Shaunee, recuperando finalmente o dom da fala.

— Pois, está afixado aqui — disse Erin, a apontar para um sinal imaginário nas costas do nosso assento.

— Odeio repetir uma observação que tenha feito antes, mas neste caso abro uma exceção, e digo outra vez: Morte às Gémeas Parolesas.

— Chega — disse Erin, a tentar não falar alto. — Eu e a Gémea vamos tirar-te essa Marca maldita à estalada.

— Pois, pode ser que desta vez ela não volte — corroborou Shaunee.

— Parem com isso — disse eu. Quando os olhos semicerrados de raiva das Gémeas se viraram para mim, até senti o estômago apertado. Será que me odiavam tanto quanto parecia? Até me doía o coração só de pensar, mas ergui o queixo e encarei-as. Se eu passasse a Mudança para vampyra, um dia seria a Sumo-Sacerdotisa delas, e isso significava, raios, que era bem melhor para elas darem-me ouvidos. — Já falámos disto. A Afrodite agora faz parte das Filhas das Trevas, e também faz parte do nosso círculo, dado que tem afinidade com o elemento terra. — Hesitei, a pensar se ela ainda teria essa afinidade, ou se a perdera quando passara de iniciada a humana e depois, aparentemente, a iniciada outra vez, mas era uma grande confusão, pelo que me despachei a falar. — Vocês sabem muito bem que concordaram em aceitá-la em cada uma dessas aceções, *sem* chamar nomes nem fazer comentários mauzinhos.

As Gémeas não disseram nada, mas a voz de Damien, invulgarmente neutra e sem emoção, ouviu-se do meu outro lado.

— Concordámos com isso, mas não concordámos que seríamos amigos dela.

— Eu não disse que queria ser vossa amiga — disse Afrodite.

— Pois não, cabra! — Disseram as Gémeas em uníssono.

— Isso não interessa nada — disse Afrodite, e mexeu-se como se fosse pegar no tabuleiro e ir-se embora.

Eu já abrira a boca para dizer a Afrodite que se sentasse e às Gémeas que se calassem, quando se ouviu um barulho estranho no corredor, que ecoou pelas portas da cafetaria adentro.

— Mas que raio? — Comecei eu, mas não pude dizer mais nada, pois entraram, pelo menos, uma dúzia de gatos na cafetaria, a bufarem e a cuspirem como loucos.

Pronto, na Casa da Noite há gatos por toda a parte. Literalmente. Seguem-nos, dormem connosco e, no caso da minha gata, *Nala*, passam a vida a queixar-se aos iniciados que escolheram para seus. Na cadeira de Sociologia dos Vampyros, uma das primeiras coisas que aprendemos foi que os gatos há muito acompanhavam vampyros. Significa isto que estamos todos habituados a ver gatos por todos os cantos. Porém, eu nunca os vira com um comportamento tão bizarro.

O enorme gato cinzento das Gémeas, *Belzebu*, saltou mesmo para o meio delas. Estava assanhado e parecia ter o dobro do tamanho, já de si gigantesco, e olhava para a porta aberta com os olhos ambarinos semicerrados de raiva.

— *Belzebu*, fofinho, que se passa? — Erin tentava acalmá-lo.

Nala saltou-me para o colo, pôs as patinhas brancas no meu ombro e armou-se em gata psicopata, a rosnar e a olhar para a porta e o barulho caótico que se ouvia no corredor.

— Ahá — fez Jack. — Eu sei o que é o barulho.

E eu soube no mesmo instante. — É um cão a ladrar.

Nisto, uma coisa que mais parecia um grande urso amarelo em vez de um cão irrompeu pela cafetaria adentro. Atrás do cão-urso vinha um rapaz, e atrás deste vários professores com ar invulgarmente abalado, incluindo o instrutor de esgrima, Dragão Lankford, e a professora de equitação, Lenóbia, além de vários guerreiros dos Filhos de Erebus.

— Apanhei-te! — Gritou o miúdo, quando deitou a mão ao cão e fez uma travagem brusca quase ao pé de nós. Depois baixou-se, agarrou na coleira do animal (que reparei ser cor-de-rosa com picos de metal a toda a volta) e engatou a trela. Assim que a trela ficou posta, o urso parou de ladrar, sentou o traseiro gordo no chão e ficou a arfar e a olhar para o miúdo. — Mas que bom. *Agora* é que te portas bem — ouvi-o murmurar para um cão obviamente sorridente.

Embora já não se ouvisse ladrar, os gatos na cafetaria ainda não

se tinham acalmado. Ouvia-se bufar de tal maneira à nossa volta que parecia ar a sair de um pneu furado.

— Estás a ver, James, era isto que eu estava a tentar explicar-te — disse Dragão Lankford a olhar para o cão com má cara. — O animal não vai dar certo na Casa da Noite.

— É Stark, e não James — disse o miúdo. — E tal como *eu* estava a tentar explicar-*lhe*: a cadela tem de ficar comigo. É assim. Se me quiserem, querem-na a ela também.

Decidi que o miúdo novo do cão tinha um ar invulgar. Não era que fosse abertamente mal-educado nem grosseiro para com o Dragão, mas também não falava com o respeito e, por vezes, medo indisfarçado, que a vasta maioria dos iniciados acabados de Marcar mostra aos vampiros. Olhei para a t-shirt clássica dos Pink Floyd que ele tinha vestida. Não tinha insígnias, e fiquei sem saber de que ano seria ele e há quanto tempo teria sido Marcado.

— Stark — dizia Lenóbia, a tentar obviamente argumentar com o miúdo — não é possível integrar um cão neste *campus*. Bem vêes como ele indispôs os gatos.

— Eles habituam-se. Habitaram-se na Casa da Noite de Chicago. Ela não costuma andar atrás deles, mas aquele cinzento ali estava mesmo a pedi-las, a bufar e a tentar arranhar.

— Ai, ai — sussurrou Damien.

Nem precisei de olhar – até sentia as Gémeas a sorverem ar como um peixe balão.

— Minha nossa, o que é este barulho todo? — Neferet entrou na sala, linda e poderosa e a dominar tudo.

Vi o miúdo novo arregalar os olhos perante a beleza dela. Era *tão* chato que toda a gente ficasse automaticamente estúpida diante da nossa Sumo-Sacerdotisa e minha arqui-inimiga, Neferet.

— Neferet, desculpe a interrupção. — O Dragão levou o punho fechado ao coração e fez uma vénia respeitosa à Sumo-Sacerdotisa. — Este é o meu novo iniciado. Acabou de chegar.

— Isso explica como o iniciado chegou, não explica como é que *isto* chegou. — Neferet apontou para o cão ofegante.

— É minha — disse o miúdo. Quando Neferet virou os seus olhos cor de musgo para ele, ele imitou a saudação do Dragão. Quando se endireitou, fiquei completamente chocada por vê-lo fazer um sorriso torto e algo gingão para Neferet. — É a minha versão de um gato.

— Não me digas? — Neferet ergueu uma sobrancelha ruiva e fina. — Mas parece estranhamente um urso.

Ahá! Então não era só a minha imaginação galopante.

— Bem, ela é da raça Labrador, mas a Sacerdotisa não é a primeira pessoa a dizer que ela parece um urso. Tem as patas grandes como as de um urso. Ora veja. — Incrível, vi o miúdo virar costas a Neferet e dizer à cadela: — Dá cá mais cinco, *Duca*. — A cadela levantou obedientemente uma patorra e bateu na mão de Stark. — Linda menina! — Disse ele, e coçou-lhe as orelhas caídas.

Pronto, tinha de admitir, era um truque giro.

Ele voltou a olhar para Neferet.

— Cão ou urso, eu e ela estamos juntos desde que eu fui Marcado, há quatro anos, por isso ela é gata suficiente para mim.

— Uma Labrador Retriever? — Neferet fez questão de se exhibir, a andar à volta da cadela e a estudá-la. — É muito grande.

— Pois, a *Duca* sempre foi grande, Sacerdotisa.

— Ela chama-se *Duca*?

O miúdo assentiu e sorriu e, embora ele fosse sextanista, tornei a ficar admirada com a facilidade dele em falar com uma vampyra adulta, especialmente uma Sumo-Sacerdotisa poderosa.

— É diminutivo de *Duquesa*.

Neferet olhou para o miúdo e semicerrou os olhos.

— Como te chamas, pequeno?

— Stark — respondeu ele.

Será que mais alguém a vira retesar o maxilar?

— James Stark? — Perguntou Neferet.

— Há uns meses larguei o primeiro nome. É só Stark — respondeu ele.

Ela ignorou-o e virou-se para o Dragão.

— É a transferência de que temos estado à espera da Casa da Noite de Chicago?

— É, Sacerdotisa — respondeu o Dragão.

Quando Neferet olhou outra vez para Stark, vi-lhe a boca curvar-se num sorriso calculista.

— Já ouvi falar muito em ti, Stark. Tu e eu temos de ter uma longa conversa em breve. — Ainda a estudar o iniciado, Neferet falou para o Dragão. — Assegura-te de que o Stark tem acesso vinte e quatro horas por dia a todo e qualquer equipamento de tiro ao arco que ele queira usar.

Vi o corpo de Stark reagir. Era óbvio que Neferet também reparara, porque o sorriso alargou-se e ela disse:

— Claro que as novas do teu talento antecederam a tua chegada, Stark. Não deves ficar destreinado só por seres transferido de escola.

Pela primeira vez, Stark fez um ar atrapalhado. Bem, mais do que atrapalhado. Ao ouvir a expressão tiro ao arco, o semblante de Stark passou de giro e algo sarcástico para frio e quase malévolo.

— Eu disse-lhes quando me transferiram que tinha parado de competir. — A voz de Stark era neutra, e as palavras mal chegavam à pouca distância a que ficava a nossa mesa. — Mudar de escola não vai mudar isso.

— Competir? Referes-te àquela competição banal entre as várias Casas da Noite? — O riso de Neferet deixou-me toda arrepiada. — Pouco me importa se competes ou não. Lembra-te de que, aqui, eu sou a voz de Nyx, e digo: o que importa é que não desperdices o talento que a Deusa te deu. Nunca se sabe quando Nyx poderá precisar de ti – e não será para um concurso tolinho.

Senti o estômago embrulhado. Sabia que Neferet se referia à guerra dela com os humanos. Porém, Stark, não sabendo de nada, fez só um ar aliviado por não ter de competir mais, e no semblante voltou a arvorar um desprendimento malandro.

— Não há problema. Não me importo de treinar, Sacerdotisa — disse ele.

— Neferet, o que pretende que se faça com o... cão? — Inquiriu o Dragão.

Neferet hesitou apenas um momento; depois agachou-se graciosamente em frente do Labrador amarelo. A cadela espetou as grandes orelhas, levantou o focinho húmido, a cheirar a mão de Neferet com curiosidade evidente. À minha frente, do outro lado da mesa, *Belzebu* bufava ameaçadoramente. *Nala* rosnava baixinho. Neferet ergueu os olhos e fitou-me.

Tentei manter-me inexpressiva, mas não sei se consegui. Não via Neferet há dois dias, desde que ela saíra do auditório atrás de mim, depois de anunciar a guerra entre vampyros e humanos que queria desencadear como retribuição pelo assassinato de Loren. Claro que tínhamos discutido. Ela era amante de Loren. Eu também, mas fora uma coisa inconsequente. Loren não me amava. Neferet maquinara tudo entre mim e Loren, e sabia que eu sabia que ela o tinha feito. Também sabia que eu sabia que Nyx não aprovava as coisas que ela andava a fazer.

Em suma, ela magoara-me muito, e eu odiava Neferet quase tanto quanto a temia. Esperei que nada disso me transparecesse na cara quando a Sumo-Sacerdotisa se aproximou da nossa mesa. Fez um gesto ligeiro com a mão, e Stark e a cadela vieram atrás dela. O gato das Gémeas deu mais uma longa bufadela antes de fugir. Eu fazia festinhas a *Nala*,

para que ela não se passasse completamente com a cadela ali. Neferet parou quando chegou à nossa mesa. Os olhos dela dardejaram de mim para Afrodite antes de se deterem em Damien.

— Ainda bem que aqui estás, Damien. Queria que levasse o Stark ao quarto dele e que o orientasses no *campus*.

— Terei muito gosto, Neferet — respondeu Damien rapidamente, de olhos brilhantes, quando Neferet o brindou com o seu sorriso grato de cem watts de esplendor.

— O Dragão ajuda-te com os pormenores — continuou ela. Depois os olhos verdes pousaram em mim. Preparei-me. — E Zoey, este é o Stark. Stark, esta é a Zoey Redbird, a líder das nossas Filhas das Trevas.

Eu e ele acenámos com a cabeça um para o outro.

— Zoey, dado seres Sumo-Sacerdotisa formanda, deixo a questão da cadela do Stark contigo. Confio que uma das muitas habilidades com que Nyx te dotou ajude a aclimatar a *Duquesa* na nossa escola. — Os olhos dela, frios, nunca desfitaram os meus. Contavam uma história diferente daquela que a sua voz delicadoce transmitia. Diziam, *Não te esqueças de que aqui mando eu e tu não passas de uma criança*.

Deixei de olhar para ela, de propósito, e fiz um sorriso tenso para Stark.

— Terei muito gosto em ajudar a tua cadela a integrar-se.

— Excelente — arrullhou Neferet. — Ah, Zoey, Damien, Shau-nee e Erin. — Sorriu para os meus amigos, e os meus amigos sorriram-lhe também, como rematados tolinhos. Ela ignorou completamente Afrodite e Jack. — Convoquei uma reunião especial do Conselho para esta noite, às dez e meia. — Olhou para o seu relógio de platina cravejada de diamantes. — São quase dez agora, é melhor terminarem de jantar, espero que os Prefeitos lá estejam também.

— Estaremos! — Chilrearam eles, como ridículos passarinhos bebés.

— Ah, Neferet, isso recorda-me — comecei eu, e levantei a voz para que toda a sala ouvisse. — A Afrodite vai juntar-se a nós. Dado que Nyx lhe concedeu afinidade com a terra, concordámos todos que ela também deveria fazer parte do Conselho dos Prefeitos. — Sustive o fôlego, na esperança de que os meus amigos não me desmentissem.

Felizmente, tirando *Nala* a rosnar para *Duquesa*, ninguém disse nada.

— Como é que Afrodite pode ser Prefeita? Ela já não faz parte das Filhas das Trevas. — A voz de Neferet arrefecera.

Toda eu era inocência.

— Não lhe contei? Ai, desculpe, Neferet! Deve ser por causa das coisas horríveis que andam a acontecer. A Afrodite voltou às Filhas das Trevas. Ela jurou perante mim, e perante Nyx, respeitar o nosso código de conduta, e eu deixei-a voltar. Quer dizer, achei que era isso que a Neferet queria – que ela voltasse para a nossa Deusa.

— Isso mesmo. — Afrodite soava involuntariamente submissa. — Aceitei as novas regras. Quero compensar os erros passados.

Eu sabia que Neferet pareceria má e despeitada se rejeitasse publicamente Afrodite depois de esta deixar bem clara a sua vontade de mudar. E Neferet só se ralava com as aparências.

A Sumo-Sacerdotisa sorriu para a sala toda, sem olhar para Afrodite nem para mim.

— A nossa Zoey é generosa por aceitar Afrodite de volta ao seio das Filhas das Trevas, especialmente dado que será responsável pela conduta de Afrodite. Mas lá está, a nossa Zoey parece não se importar de assumir responsabilidades. — Nessa altura olhou para mim, e o ódio no seu olhar fez-me prender a respiração. — Tem cuidado para não sufocares com tanta pressão que chamas a ti, querida Zoey. — Em seguida, como se alguém carregasse num interruptor, o rosto dela encheu-se de doçura e luz, e ela sorriu para o miúdo novo. — Bem-vindo à Casa da Noite, Stark.



TERCEIRO CAPÍTULO

Bem... tens fome? — Perguntei a Stark depois de Neferet e o resto dos vampes saírem da cafetaria.

— Acho que sim — respondeu ele.

— Se te despachares, podes comer connosco, e depois o Damien pode levar-te ao teu quarto antes de irmos para a reunião do Conselho — disse eu.

— Eu acho que a tua cadela é bonita — disse Jack, e debruçou-se por detrás de Damien para ver melhor *Duquesa*. — Quer dizer, é grande, mas ainda assim é bonita. Não morde, pois não?

— Só se tu lhe morderes primeiro — respondeu Stark.

— Ai, que nojo — fez Jack. — Ficaria com pelos de cão na boca e seria uma porcaria.

— Stark, este é o Jack, o namorado do Damien. — Decidi despachar as apresentações e os possíveis problemas *Oh, não! Ele é maricas!*

— Olá — disse Jack com um sorriso muito doce.

— Pois, olá — respondeu Stark. Não foi caloroso, mas também não parecia haver vibrações homofóbicas no ar.

— E estas são Erin e Shaunee. — Apontei para cada uma delas à vez. — Também dão pelo nome Gémeas, o que fará sentido depois de passares cerca de dois minutos vírgula cinco com elas.

— Olá — disse Shaunee, e brindou-o com um *olhar* muito óbvio.

— Olá também — disse Erin, e brindou-o com um *olhar* idêntico.

— Esta é a Afrodite — disse eu.

O sorriso ligeiramente sarcástico dele voltara.

— Então és a Deusa do Amor. Já ouvi falar muito em ti.

Afrodite olhava para Stark com uma intensidade esquisita, que não parecia especialmente namoradeira, mas quando ele se dirigiu a ela, Afrodite executou automaticamente uma sacudidela de cabelo verdadeiramente espetacular, e disse:

— Olá. Gosto quando me reconhecem.

O sorriso dele alargou-se e ficou ainda mais sarcástico quando ele se riu.

— Seria difícil não te reconhecer – o nome é bem evidente.

Vi o olhar intenso de Afrodite dissipar-se logo e passar à expressão, muito mais habitual, de desdém para consumo público, mas antes que ela pudesse cortar verbalmente às fatias o miúdo novo, Damien falou:

— Stark, vou mostrar-te onde estão os tabuleiros e tal. — Levantou-se e parou em frente da *Duquesa*, com ar confuso.

— Não há espiga — disse Stark. — Ela fica sossegada. Desde que os gatos não façam nenhuma estupidez.

O olhar dele passara para *Nala*, a única gata perto da *Duquesa*, que não voltara a rosnar, mas estava de pé no meu colo, a olhar fixamente para a cadela, e eu sentia a tensão no corpinho dela.

— A *Nala* porta-se bem — disse eu, na esperança de que assim fosse. Não tinha controlo nenhum sobre a minha gata. Caraças, quem é que tinha controlo sobre *algum* gato?

— Então, está bem. — Stark fez-me um aceno de cabeça rápido e disse para a cadela: — *Duquesa*, fica quieta! — E assim foi, quando ele seguiu Damien até à fila principal, *Duquesa* ficou quieta.

— Sabem, os cães são muito mais barulhentos do que os gatos — disse Jack, a estudar *Duquesa* como se ela fosse uma experiência científica.

— É por arfarem tanto — disse Erin.

— E são mais flatulentos do que os gatos, Gémea — disse Shaunee. — A minha mãe tem daqueles caniches gigantes, e são criaturas muito gasosas.

— Pronto, isto não está a ter graça *nenhuma* — disse Afrodite. — Vou-me embora.

— Não ficas para fazer olhinhos ao miúdo novo? — Perguntou Shaunee numa voz demasiado simpática.

— Pois, parece que ele gostou tanto de ti — corroborou Erin, docemente.

— Deixo o tipo para vocês duas, parece-me acertado, visto que

ele gosta tanto de cadelas. Zoey, passa pelo meu quarto quando despachares a manada dos marados. Quero falar contigo antes da reunião do Conselho. — Com uma sacudidela no cabelo e um esgar para as Gémeas, Afrodite saiu da cafetaria.

— Ela não é tão má quanto finge ser — disse eu para as Gémeas, as quais me lançaram olhares descrentes. Encolhi os ombros. — Só que ela finge ser má muitas vezes.

— Bem, ao feitiozinho dela, só dizemos: *Com franqueza, francamente!* — Sentenciou Erin.

— A Afrodite faz-nos compreender porque é que há mulheres que afogam os seus bebés — disse Shaunee.

— Tentem só dar uma hipótese à Afrodite — pedi eu. — Ela começou a deixar-me ver além da fachada odiosa que está sempre a armar. Vão ver. Às vezes ela sabe ser simpática.

As Gémeas nada disseram durante uns segundos, depois entreolharam-se, e abanaram as cabeças e reviraram os olhos ao mesmo tempo. Tornei a suspirar.

— Passemos a um tópico muito mais importante — propôs Erin.

— Pois, o novo giraço — disse Shaunee.

— Vejam só aquele rabinho — disse Erin.

— Oxalá ele descaísse as calças para eu poder ver melhor — disse Shaunee.

— Gémea, calças descaídas são um pavor. É um cliché de candidatos a gangues dos anos 90, já passou à história. Os giraços deviam dizer não às descaídas — contrapôs Erin.

— Ainda assim, gostava de lhe ver o rabo, Gémea — insistiu Shaunee. Depois olhou para mim e sorriu. Era uma versão reservada do seu antigo sorriso amigo, mas pelo menos não era a reserva sarcástica com que ela me tratara naqueles dois dias. — O que te parece? É giro como o Christian Bale, ou mais como o Tobey Maguire?

Só me apetecia desatar a chorar de alegria e gritar, *Boa! Vocês já falam comigo outra vez!* Em vez disso, fingi que tinha juízo e juntei-me às Gémeas na apreciação do miúdo novo.

Pronto, elas tinham razão. O Stark era giro. Altura média, não tão alto como o meu ex-namorado humano e futebolista, Heath, nem incrivelmente giro e com pinta de Superhomem como o meu ex-namorado «iniciado e mudado para vampyro», Erik. Mas também não era baixo. Aliás, era praticamente da altura do Damien. Era magro mas viam-se os músculos debaixo da t-shirt velha, e os braços dele eram decididamen-

te bons. Tinha cabelo giro e despenteado típico de rapaz, cor de areia, entre o louro e o castanho. A cara também era gira, queixo forte, nariz direito, olhos grandes e castanhos, e uma boca bonita. Portanto, dissecado em partes separadas, Stark era um tipo giro. Enquanto o observava, apercebi-me de que aquilo que o fazia passar de *giro* para *giraço* era a intensidade e a autoconfiança. Mexia-se como se tudo o que fizesse fosse deliberado, mas era uma intenção misturada com sarcasmo. Era como se fizesse parte do mundo, e ao mesmo tempo mandasse o mundo à fava.

E sim, era estranho que eu tivesse percebido isto tudo tão depressa.

— Eu acho-o mesmo giro — disse eu.

— Oh minha nossa senhora! Acabei de perceber quem ele é! —

Exclamou Jack.

— Conta lá — ironizou Shaunee.

— É o James Stark! — Declarou Jack.

— Não me digas? — Ironizou Erin, a revirar os olhos. — Jacky, já sabemos isso.

— Não, não, não. Não estão bem a ver. Ele é o James Stark, o melhor arqueiro do mundo inteiro! Não se lembram de ler na internet? Deu uma abada nos Jogos de Verão do ano passado, no Atletismo. Malta, ele competiu com vampes adultos, Filhos de Erebus, e bateu-os a todos. É uma estrela... — Rematou Jack com um suspiro sonhador.

— Raios me partam! Bate-me e chama-me deficiente, Gémea. O Jacky tem razão! — Exclamou Erin.

— Eu sabia que era uma *gireza* de grandes proporções — asseverou Shaunee.

— Uau — fiz eu.

— Gémea, vou tentar gostar da cadela dele — disse Erin.

— Claro que vamos, Gémea — corroborou Shaunee.

Naturalmente, estávamos os quatro a olhar para Stark como anormais, quando ele e Damien voltaram à mesa.

— O que foi? — Perguntou ele, com a boca cheia de sandes. Depois olhou para *Duquesa*. — Ela fez alguma coisa na minha ausência? Gosta de lamber os dedos dos pés às pessoas.

— Ai que... — começou Erin, mas calou-se quando Shaunee lhe deu um pontapé debaixo da mesa.

— Não, a *Duquesa* foi uma perfeita senhora na tua ausência — garantiu Shaunee, e fez um sorriso muito, muito amistoso para Stark.

— Ótimo — disse Stark. Como toda a gente continuava a olhar para ele, mexeu-se no assento, algo constrangido. Como se percebesse,

Duquesa mudou de posição para se encostar à perna dele e olhar para ele em adoração. Vi como ele se descontraía, ato contínuo, a coçar-lhe as orelhas.

— Lembro-me de ouvir dizer que venceste aqueles vampes todos no tiro ao arco! — Balbuciou Jack; depois fechou a boca com força e ficou todo cor-de-rosa.

Stark não ergueu os olhos do prato. Limitou-se a encolher os ombros.

— Pois, sou bom no tiro ao arco.

— Tu és o *tal* iniciado? — Inquiriu Damien, finalmente a perceber. — Bom no tiro ao arco? Tu és espantoso no tiro ao arco!

Stark ergueu os olhos.

— Como queiras. É apenas uma coisa em que sou bom desde que fui Marcado. — Deixou de olhar para Damien e olhou para mim.

— Falando em iniciados famosos, vejo que o boato sobre as tuas Marcas adicionais é verdadeiro.

— É verdade. — Eu detestava mesmo aqueles primeiros encontros. Ficava envergonhada como o raio quando conhecia alguém e a pessoa só via a super-iniciada e nada da verdadeira Zoey.

Depois compreendi. Aquilo que eu sentia devia ser muito parecido com o que Stark estava a sentir.

Perguntei a primeira coisa que me passou pela cabeça, para desviar o assunto de o quanto eu e ele éramos «especiais».

— Gostas de cavalos?

— Cavalos? — O sorriso sarcástico voltara.

— Pois, pareces-me com alguém que gosta de animais — disse eu estupidamente, e estiquei o queixo na direção da cadela.

— Pois, acho que gosto de cavalos. Gosto da maioria dos animais. Exceto gatos.

— Exceto gatos! — Guinchou Jack.

Stark tornou a encolher os ombros. — Nunca gostei muito deles. São muito manientos para o meu gosto.

Ouvi as Gémeas a resfolegarem.

— Os gatos são criaturas independentes — começou Damien. Senti o tom de mestre-escola na voz dele, e soube que a minha ideia para mudar de assunto triunfara. — Todos sabemos, claro, que os gatos foram adorados em muitas culturas da Antiguidade, mas sabias que eles também foram...?

— Malta, desculpem interromper — atalhei, pus-me de pé, e mudei *Nala* de posição para ela não cair em cima da *Duquesa* — mas

tenho que ir ver o que a Afrodite quer antes da reunião do Conselho. Encontramo-nos lá, tá bem?

— Pois, está bem.

— Acho que sim.

— Como queiras.

Pelo menos despediram-se de mim. Mais ou menos.

Fiz um sorriso amistoso para Stark.

— Gostei de te conhecer. Se precisares de alguma coisa para a *Duquesa*, é só dizeres. Há um centro de jardinagem aqui perto que costuma ter coisas para gatos, aposto que também deve ter para cães.

— Eu aviso — respondeu ele.

Em seguida, com Damien a retomar a sua palestra subordinada ao tema «os gatos são maravilhosos», Stark piscou-me o olho e assentiu, como se quisesse dizer que agradecia a minha mudança de assunto pouco subtil. Pisquei-lhe o olho também, e já ia a meio caminho da porta da rua quando me apercebi de que sorria como uma tolinha, em vez de me lembrar do facto que, da última vez que estivera lá fora, qualquer coisa me tentara atacar.

Estava em frente à enorme porta de carvalho maciço, como se fosse aluna das Necessidades Especiais, quando um grupo de guerreiros Filhos de Erebus desceu a escadaria que vinha da sala de jantar do pessoal, no segundo andar.

— Sacerdotisa — disseram vários deles quando repararam em mim, e o grupo inteiro parou para me saudar respeitosamente, com vénias amorosas, os punhos fechados sobre os peitos musculosos.

Retribuí a saudação, toda nervosa.

— Sacerdotisa, eu abro-lhe a porta — disse um dos guerreiros mais velhos.

— Ah, hum, obrigada — disse eu e depois, numa inspiração súbita, continuei a falar: — Será que um de vós podia acompanhar-me ao dormitório e talvez dar-me uma lista dos nomes dos guerreiros que ficarão destacados para guardar o dormitório das raparigas? Acho que os guerreiros ficariam mais à vontade se soubéssemos os nomes deles.

— Mostra grande consideração da sua parte, senhora minha — disse o guerreiro mais velho, que ainda segurava na porta aberta. — Terei muito gosto em facultar-lhe uma lista de nomes.

Sorri e agradei-lhe. A caminho do dormitório das raparigas, ele falou cortesmente sobre os guerreiros que seriam destacados para nos guardar, enquanto eu assentia e fazia os ruídos apropriados e tentava olhar pelo canto do olho para o céu noturno e tranquilo.

indomável

Não havia nada a adejar nem a gelar o ar, mas não consegui livrar-me da sensação de que alguma coisa, ou alguém, me estava a observar.



QUARTO CAPÍTULO

Mal levara a mão à maçaneta da porta quando esta se abriu e Afrodite me agarrou no pulso. — Não te importas de entrar de uma vez? Mulher, és mais lenta do que uma gorda de muletas, Zoey. — Puxou-me para dentro do quarto e bateu com a porta firmemente atrás de nós.

— Não sou lenta, e tu tens muito que explicar, raios te partam — disse eu. — Como é que entraste aqui? Onde está a Stevie Rae? Quando é que a tua Marca voltou? O que...? — Havia qualquer coisa a bater à janela, alto e com insistência, e interrompeu-me o interrogatório.

— Primeiro, és uma parva. Estamos na Casa da Noite e não numa escola pública em Tulsa. Ninguém tranca as portas, pelo que entrei simplesmente no teu quarto. Segundo, a Stevie Rae está ali. — Afrodite passou por mim e dirigiu-se à janela. Eu fiquei ali especada, a vê-la correr os cortinados pesados e a destrancar os ferrolhos da janela, e ela lançou-me um olhar irritado por cima do ombro. — Olá, gente? Uma ajudinha não seria nada má.

Completamente abananada, fui ter com ela à janela. Só juntas a conseguimos abrir. Espreitei para fora daquele edifício de pedra nua que parecia um castelo, mais do que um dormitório. A noite de finais de dezembro ainda estava fria e lúgubre, e parecia haver umas tentativas de chuva, com pouca convicção. Via-se o muro oriental na escuridão e por entre as árvores veladas. Estremeci, mas os iniciados raramente sentem frio, e não era o tempo que me estava a fazer arrepios. Era o vislumbre do muro oriental – um lugar de poder e de tumulto. A meu lado, Afro-

dite suspirou e debruçou-se, para poder espreitar para fora e pela parede abaixo.

— Deixa-te de avarias e entra lá. Vais ser apanhada e, muito mais importante, a humidade vai dar-me cabo do cabelo.

Quando a cabeça de Stevie Rae apareceu à minha frente, quase fiz chichi nas cuecas.

— Olá, Z! — disse ela, alegremente. — Olha só o meu jeito superfixe para escalada.

— Minha nossa senhora. Entra lá. — Afrodite estendeu a mão, agarrou numa das de Stevie Rae e puxou. Como se fosse um balão, Stevie Rae entrou no quarto. Afrodite fechou rapidamente a janela e correu os cortinados.

Fechei a boca que ficara escancarada, mas continuei a olhar para Stevie Rae, que se punha de pé, sacudia as calças de ganga e voltava a meter a camisa por dentro.

— Stevie Rae — consegui finalmente dizer. — Acabaste de escalar a parede do dormitório?

— Acabei! — Sorria e assentia tanto que os caracóis curtos e louros abanavam como os de uma chefe de claque tontinha. — Fixe, não é? É como se eu fizesse parte das pedras do edifício, e ficasse sem peso e, bem, cá estou. — Estendeu as mãos.

— Como o Drácula — disse eu, e só percebi que falara alto quando Stevie Rae franziu o sobrolho e perguntou:

— O que é que é como o Drácula?

Sentei-me pesadamente aos pés da cama.

— No livro *Drácula*, o clássico de Bram Stoker — expliquei — Jonathan Harker vê Drácula a descer pela parede do castelo.

— Ah, pois, eu sei fazer isso. Quando tu disseste «como o Drácula», achei que era eu que me parecia com o Drácula – sinistra e pálida com mau cabelo e unhas compridas e porcas. Não é isso que queres dizer, pois não?

— Não, tu estás com ótimo aspeto, na verdade. — E era mesmo a verdade. Stevie Rae estava com ótimo aspeto, especialmente comparado com o aspeto que ela tivera (e o cheiro e o comportamento) naquele último mês. Parecia a Stevie Rae outra vez, *antes* de o corpo da minha melhor amiga ter rejeitado a Mudança e de ela morrer, quase exatamente um mês antes, e depois, de alguma maneira, ter regressado dos mortos. Porém, ela ficara diferente – destroçada. A sua humanidade quase se perdera por completo, e não era a única miúda a quem isso acontecera. Havia uma matilha de miúdos mortos-vivos à solta nos antigos túneis do tempo da

Lei Seca, debaixo do depósito abandonado de Tulsa. Stevie Rae quase se tornara numa deles – má, odiosa e perigosa. A afinidade pela terra que a Deusa lhe dera fora a única coisa que a ajudara a reter algo de si própria, mas não bastara. Ela começara a perder-se. Por conseguinte, com a ajuda de Afrodite (que também recebera da Deusa afinidade pelo elemento terra), eu invocara um círculo e pedira a Nyx que curasse Stevie Rae.

E a Deusa curara-a, mas durante o processo de cura, parecera que Afrodite tinha de morrer para salvar a humanidade de Stevie Rae. Felizmente, não fora preciso. Em vez de morrer, a Marca de Afrodite desaparecera e a de Stevie Rae fora milagrosamente colorida e aumentada, mostrando assim que ela concluíra a Mudança para vampyra. Tirando que, para ajudar à confusão geral, a tatuagem de Stevie Rae não aparecera com a cor de safira tradicional, como são todas as Marcas de vampyros adultos. A Marca de Stevie Rae era escarlate – da cor do sangue novo.

— A Terra chama Zoey. Está lá gente? — A voz espertalhona de Afrodite penetrou na minha tagarelice mental. — É melhor tratares da tua Melhor Amiga. Parece estar a passar-se.

Pisquei os olhos. Embora tivesse estado embasbacada a olhar para Stevie Rae, não a estivera bem a *ver*. Ela estava no meio do quarto – do que fora o *nosso* quarto um mês antes, quando a morte dela mudara completa e liminarmente tudo para sempre – a olhar em redor com os olhos marejados de lágrimas.

— Oh, fofinha, tenho tanta pena. — Acorri para Stevie Rae e abracei-a. — Deve ser difícil para ti estares aqui outra vez. — Ela estava rígida e estranha nos meus braços, e afastei-me um pouco para poder olhar para ela.

A expressão do rosto dela gelou-me o sangue. O choque lacrimoso dera lugar à raiva. Por instantes, passou-me pela cabeça que aquele semblante não me era estranho – pois Stevie Rae raramente se zangava. E depois apercebi-me porquê. Era o mesmo ar que Stevie Rae tinha antes de eu invocar o círculo e de ela recuperar a sua humanidade. Dei um passo para longe dela.

— Stevie Rae? O que se passa?

— As minhas coisas? — A voz, tal como o rosto, estava eivada de maldade.

— Fofinha — disse eu amavelmente — os vampes levam as coisas dos iniciados quando eles... morrem.

Stevie Rae virou-se para mim de olhos semicerrados.

— Eu não morri.

Afrodite pôs-se a meu lado.

— Ouve, não te passes connosco. Os vampes acham que morreste, lembraste?

— Mas não te aflijas — disse eu rapidamente — eu obriguei-os a devolverem-me um monte de coisas. E sei onde está o resto dos teus pertences. Posso recuperar tudo se quiseres.

E, num instante, a maldade desapareceu e eu estava a olhar para a minha melhor amiga outra vez.

— Até o meu candeeiro da bota de vaqueiro?

— Até isso — disse eu, a sorrir-lhe. Raios, eu também estaria zangada se me tivessem levado as coisas.

Afrodite disse:

— Dir-se-ia que quando alguém morre, ao menos deixa de ter mau gosto, mas não, o teu mau gosto é imortal, caraças.

— Afrodite — disse Stevie Rae com firmeza — devias mesmo ser mais simpática.

— E tu podes ir-te catar, mais a tua perspectiva de vida de Mary Poppins *country*.

— Mary Poppins era inglesa, não podia ser *country* — contrapôs Stevie Rae com presunção.

Stevie Rae parecia-se tanto como antigamente que até soltei um gritinho de contentamento e a tornei a abraçar.

— Estou tão contente por te ver! Estás mesmo bem agora, não estás?

— A modos que diferente, mas bem — respondeu Stevie Rae, e abraçou-me também.

Senti uma imensa onda de alívio que apagou a parte *a modos que diferente* do que ela dissera. Acho que estava tão contente por vê-la, inteira e outra vez ela própria, que tinha de guardar essa ideia num lugar seguro e especial dentro de mim, por algum tempo, e essa necessidade não me deixou refletir nos possíveis problemas que Stevie Rae ainda pudesse ter. Além disso, lembrei-me de outra coisa:

— Espera aí — disse eu, de repente. — Como é que vocês voltaram ao *campus* sem os guerreiros se passarem?

— Zoey, tens mesmo de tomar atenção ao que se passa à tua volta — disse Afrodite. — Eu entrei pela porta da frente. O alarme está desligado, o que me parece fazer sentido. Quer dizer, eu recebi no telemóvel a mesma chamada de notificação da escola, acerca de as férias acabarem, que toda a gente fora do *campus* terá recebido. A Neferet teve de tirar o sortilégio, senão daria em doida com os alarmes a dispararem com

o regresso dos alunos, já para não falar dos montes de Filhos de Erebus deliciosos que estão a aterrar neste sítio como prendas suculentas para nós, alunas.

— Não quererás dizer que os alarmes dariam com Neferet *ainda mais em doida* do que ela já é?

— Sim, a Neferet é decididamente tarada — respondeu Afrodite, por instantes completamente de acordo com Stevie Rae. — Seja como for, o alarme não tocou, nem sequer por causa de humanos.

— Há? Nem sequer por causa de humanos? Como é que sabes isso? — Perguntei.

Afrodite suspirou e, com um gesto estranho que parecia em câmara lenta, ergueu um braço e passou as costas da mão pela testa; o contorno da meia-lua ficou borrado e meio apagado.

E eu fiquei boquiaberta.

— Oh, senhores, Afrodite! Tu és... — As palavras atropelaram-se quando a minha boca se recusou a proferi-las.

— Humana — rematou Afrodite em voz neutra e fria.

— Como? Quer dizer, tens a certeza?

— Tenho a certeza. Absoluta — respondeu ela.

— Hum, Afrodite, mesmo que estejas humana, não és decididamente uma humana *normal* — disse Stevie Rae.

— O que quer isso dizer? — Perguntei.

Afrodite encolheu os ombros. — Para mim não quer dizer pevas.

Stevie Rae suspirou.

— Sabes, tens sorte por te teres transformado em humana e não num rapaz de madeira, senão com tanta mentira o nariz crescia-te um quilómetro.

Afrodite abanou a cabeça, desagradada.

— Mais uma analogia parva com filmes de grande público. Não sei porque raio não morri e fui para o inferno. Pelo menos não seria bombardeada com a Disney aqui.

— Não se importam de me explicar o que raio se está a passar? — Pedi eu.

— É melhor explicares-lhe. Ela está quase a dizer palavrões — atalhou Afrodite, mordaz.

— És mesmo odiosa. Devia ter-te matado quando estava morta — disse Stevie Rae.

— Devias ter matado a tua mãe toda *country* quando estavas morta — replicou Afrodite, a gingar-se armada em *dread*. — Não admira

que a Zoey precise de uma Melhor Amiga nova. Tu és mesmo uma seca de otimismo.

— A Zoey não precisa *nada* de uma Melhor Amiga nova! — Gritou Stevie Rae, virando-se para Afrodite e dando um passo na direção desta. Por instantes, julguei ver os seus olhos azuis relampejarem com o clarão vermelho que tinham quando ela estava morta-viva e descontrolada.

Sentia-me como se a cabeça me fosse explodir, mas fui apartá-las.

— Afrodite, deixa a Stevie Rae em paz!

— Então será melhor controlares a tua amiga. — Afrodite foi para o espelho do lavatório, pegou num lenço de papel e começou a limpar o que restava da meia-lua esborratada na sua testa. Reparei que, por mais desprendida que soasse, as mãos lhe tremiam.

Virei-me para Stevie Rae, cujos olhos tinham voltado ao azul habitual.

— Desculpa, Z — disse ela, a sorrir como uma miúda apanhada na marotice. — Acho que os dois dias com a Afrodite me deram cabo dos nervos.

Afrodite fungou e eu olhei para ela. — Não comeces — avisei.

— Não interessa. — Entreolhámo-nos pelo espelho, e quase tive a certeza de ver medo no olhar de Afrodite. Depois ela voltou a tratar da maquilhagem.

Completamente confusa, tentei retomar a conversa onde tudo ficara mesmo esquisito.

— Portanto, qual é a ideia de dizeres que a Afrodite não é normal? Tirando o feitiozinho anormal — apressei-me a acrescentar.

— Canja — respondeu Stevie Rae. — A Afrodite ainda tem visões, e as visões não são normais em humanos. — E lançou um olhar que dizia *ora toma!* a Afrodite.

— Vá lá. Conta à Zoey.

Afrodite saiu do espelho e sentou-se no banquinho perto dele. Não ligou a Stevie Rae e declarou:

— Pois, ainda tenho visões. Lixadas e f... A única coisa de que eu *não* gostava quando era iniciada é a única coisa que fica comigo agora que sou uma estúpida humana outra vez.

Observei melhor Afrodite, para ver além da fachada *sou tão boa* que ela gostava de armar. Estava pálida, tinha olheiras por baixo do corretor que aplicara nos olhos. Sim, parecia mesmo alguém que acabara de passar por muita chatice, e parte dessa chatice poderia ser as visões exte-

nuantes e decisivas que ela tivera antes. Não admirava que fosse tão cabra; eu era uma parva por não ter reparado.

— O que viste na visão? — Perguntei.

Afrodite fitou-me com firmeza e, por momentos, baixou a guarda de arrogância que gostava de manter à sua volta como um escudo. Uma sombra terrível e angustiada percorreu-lhe o rosto bonito, e a mão tremeu-lhe quando empurrou uma madeixa de cabelo louro para trás de uma orelha.

— Vi vampyros a chacinarem humanos e humanos a matarem vampyros também. Vi um mundo cheio de violência e ódio e negrume. E no negrume vi criaturas que eram tão horrorosas que nem sei dizer o que seriam. Nem... nem sequer consegui olhar bem para elas. Vi o fim de tudo. — A voz de Afrodite soava tão assombrada quanto o seu rosto parecia.

— Conta-lhe o resto — instou Stevie Rae quando Afrodite parou de falar, e fiquei admirada com a súbita amabilidade da sua voz.

— Conta-lhe por que razão tudo acontece.

Quando Afrodite falou, senti as palavras dela como se fossem pedaços de vidro que ela me espetasse no coração.

— Vi acontecer aquilo tudo porque tu estavas morta, Zoey. A tua morte é que fez acontecer tudo.

indomável



QUINTO CAPÍTULO

Raios me partam — disse eu, depois os joelhos cederam e tive de me sentar na cama. Sentia um zumbido estranho nos ouvidos, e custava-me respirar.

— Sabes que isto não quer dizer que venha mesmo a acontecer — disse Stevie Rae, a dar-me palmadinhas no ombro.

— Quer dizer, a Afrodite viu a tua avozinha, o Heath, até a mim, morrer. Bem, eu a morrer uma segunda vez. E nada disso aconteceu. Por isso, podemos impedir. — Ela olhou para Afrodite. — Não podemos?

Afrodite mexeu-se, inquieta.

— Raios me partam — disse eu, pela segunda vez. Depois obri-guei-me a falar, apesar do imenso nó que se me alojara no meio da garganta. — Há qualquer coisa diferente na visão que tiveste sobre mim, não há?

— Pode ser por causa de eu ser humana — respondeu ela, lentamente. — É a única visão que tive desde que voltei a ser humana, por isso, sim, não parece errado que pareça diferente das que tinha quando era iniciada.

— Mas? — Instei.

Ela encolheu os ombros e fitou-me por fim.

— Mas pareceu-me diferente.

— Como?

— Bem, foi mais confusa – e mais emocional – mais baralhada.

E literalmente não compreendi parte do que vi. Quer dizer, não reconheci as coisas horríveis que vi a rondarem na escuridão.

— A rondarem? — Estremeci. — Não soa a nada de bom.

— E não era. Vi sombras dentro de sombras dentro da escuridão. Era como se os fantasmas voltassem a ser coisas vivas, mas essas coisas vivas eram terríveis de mais para eu conseguir olhar para elas.

— Queres dizer, nem humanas nem vampyras?

— Pois, é isso o que quero dizer.

Ato contínuo, esfreguei a mão e senti um arrepio de medo no corpo todo.

— Raios me partam.

— O que foi? — Perguntou Stevie Rae.

— Esta noite houve qualquer coisa que a modos que me atacou quando eu vinha dos estábulos e ia para a cafetaria. Era uma espécie de sombra fria saída da escuridão.

— Isso não pode ser bom — disse Stevie Rae.

— Estavas sozinha? — Perguntou Afrodite, a voz dura como pedra.

— Estava — respondi.

— Pronto, é esse o problema — declarou Afrodite.

— Porquê? Que mais viste na tua visão?

— Bem, tu morreste de duas maneiras diferentes, coisa que eu nunca vi antes.

— Duas... duas maneiras diferentes? — Aquilo ia de mal a pior.

— Talvez fosse melhor esperarmos um pouco e vermos se a Afrodite tem outra visão que mostre as coisas mais claramente, antes de falarmos sobre isto — propôs Stevie Rae, sentada na cama a meu lado.

Não desfitei Afrodite, e vi nos olhos dela um reflexo do que já sabia.

— Quando não ligo às visões, elas concretizam-se. Sempre — afirmou Afrodite, categórica.

— Acho que parte disso pode já estar a acontecer — disse eu. Sentia os lábios frios e rígidos, e doía-me o estômago.

— Tu não vais morrer! — Gritou Stevie Rae, que parecia aflita e completamente a minha melhor amiga outra vez.

Meti o braço no de Stevie Rae.

— Continua, Afrodite. Conta lá.

— Foi uma visão forte, cheia de imagens poderosas, mas uma confusão completa. Talvez porque eu estava a sentir e a ver tudo do teu ponto de vista. — Afrodite parou e engoliu em seco. — Vi-te morrer de duas maneiras. Numa, afogavas-te. A água estava fria e escura. Ah, e cheirava mal.

— Cheirava mal? Como naqueles charcos porcos do Oklaho-

ma? — Perguntei, curiosa apesar do horror de falar da minha própria morte.

Afrodite abanou a cabeça.

— Não, tenho quase a certeza absoluta de que não era no Oklahoma. Havia água de mais para ser. É difícil explicar como posso ter tanta certeza, mas pareceu-me grande de mais e fundo de mais para ser uma espécie de lago. — Afrodite parou de falar outra vez, a pensar. Depois arregalou os olhos. — Lembro-me de outra coisa da visão. Havia qualquer coisa perto da água que parecia um palácio *a sério* numa ilha isolada, o que significa gente rica e com bom gosto, provavelmente na Europa, e não uma versão foleira da classe alta «ai temos dinheiro vamos comprar uma caravana».

— Tu és mesmo snobe, Afrodite — disse Stevie Rae.

— Obrigada — retorquiu Afrodite.

— Pronto, viste-me a afogar-me perto de um palácio *a sério* numa ilha *a sério* talvez na Europa. Viste mais alguma coisa que possa ajudar um bocadinho que seja? — Perguntei.

— Bem, além do facto de estares isolada – quer dizer, mesmo sozinha em ambas as visões. Vi a cara de um homem. Estava contigo pouco antes de morreres. Nunca o tinha visto mais gordo. Até hoje.

— O quê? Quem?

— Vi o tal miúdo Stark.

— Ele matou-me? — Senti vontade de vomitar.

— Quem é o Stark? — Perguntou Stevie Rae e agarrou-me na mão.

— Miúdo novo transferido hoje da Casa da Noite de Chicago — respondi. — Ele matou-me? — Tornei a fazer a pergunta a Afrodite.

— Não me parece. Não pude olhar bem para ele, e estava escuro. Mas parecia que, mesmo no último vislumbre que tiveste dele, que te sentias segura com ele. — Afrodite olhou para mim de sobrolho erguido. — Parece que vais conseguir ultrapassar aquela confusão toda Erik/Heath/Loren.

— Tenho muita pena disso tudo. A Afrodite contou-me o que aconteceu — disse Stevie Rae.

Abri a boca para agradecer a Stevie Rae, e depois apercebi-me de que ela e Afrodite não sabiam das proporções da confusão Erik/Heath/Loren. Tinham estado longe da escola, e a comunicação social dos humanos não dera notícias sobre a morte de Loren Blake. Respirei fundo. Quase preferia ouvir falar das minhas mortes do que falar daquilo.

— O Loren morreu — balbuciei.

— O quê?

— Como?

Olhei para Afrodite.

— Há dois dias. Foi como com a Professora Nolan. O Loren foi decapitado e crucificado e pregado na porta da frente da escola, com um bilhete escrito com um versículo qualquer terrível da Bíblia sobre ele ser detestável, cravado no coração. — Falei muito depressa, queria livrar-me do gosto que aquelas palavras terríveis me deixavam na boca.

— Oh, não! — Afrodite ficou tão branca que até dava engulhos e sentou-se pesadamente na antiga cama de Stevie Rae.

— Zoey, isso é horrível — disse Stevie Rae. Até podia ouvir as lágrimas na voz dela quando pôs o braço nos meus ombros. — Vocês eram como Romeu e Julieta, minha gente.

— Não! — A palavra saiu-me mais cortante do que eu queria, e por isso virei-me para Stevie Rae, a sorrir. — Não — repeti em voz mais ponderada. — Ele nunca me amou. O Loren usou-me.

— Para sexo? Ah, Z, que treta — disse Stevie Rae.

— Infelizmente, não, embora eu tenha feito completamente asneira e dormido com ele. O Loren usou-me para a Neferet. Ela mandou-o fazer-se a mim. Ela é que era amante dele. — Fiz uma careta, a lembrar-me da cena devastadora entre Loren e Neferet a que eu assistira. Estavam a rir-se de mim. Eu dera a Loren o meu coração e o meu corpo e, através da Impressão, parte da minha alma. E ele rira-se de mim.

— Espera aí. Rebobina. Disseste que a Neferet mandou o Loren fazer-se a ti? — Perguntou Afrodite. — Porque havia ela de fazer isso se eles eram amantes?

— A Neferet queria que eu ficasse sozinha. — O meu coração gelou quando as peças do quebra-cabeças se começaram a encaixar.

— Hã? Não faz sentido. Porque é que o Loren armado em teu namorado te faria ficar sozinha? — Perguntou Stevie Rae.

— Simples — atalhou Afrodite. — A Zoey teve de se encontrar com o Loren às escondidas, sendo ele professor e tudo. Aposto que ela não contou a ninguém da manada dos marados que estava armada em aluna malandra com o *Professor* Blake. Aposto também que a Neferet teve muito a ver com o facto de o nosso Erik encontrar a Zoey na brincadeira com alguém que não era nada ele.

— Hum, eu estou mesmo aqui. Não é preciso falares de mim como se eu tivesse saído do quarto.

Afrodite fungou. — Se eu ganhar as apostas, direi que o teu bom senso é que saiu do quarto.

— Ganhaste as apostas — admiti com relutância. — A Neferet tratou de que o Erik me encontrasse e ao Loren juntos.

— Caraças! Não admira que ele estivesse tão lixado — exclamou Afrodite.

— O quê? Quando? — Perguntou Stevie Rae.

Suspirei.

— O Erik apanhou-me com o Loren. Passou-se. Depois eu descobri que o Loren andava mesmo com a Neferet e que não queria nada saber de mim, embora tivesse havido Impressão entre nós.

— Impressão! Merda! — Exclamou Afrodite.

— E depois passei-me eu. — Ignorei Afrodite. Aquilo já era mau o bastante. Não queria mesmo nada prolongar pormenores. — Estava eu a chorar baba e ranho quando a Afrodite, as Gémeas, o Damien, o Jack e...

— Oh, merda, e o Erik. Foi quando te encontrámos a chorar debaixo da árvore — interrompeu Afrodite.

Tornei a suspirar, e percebi que não podia ignorá-la.

— Pois. E o Erik deu a notícia de mim e do Loren a toda a gente.

— No que eu chamaria uma maneira muito mazinha — disse Afrodite.

— Fosga-se — disse Stevie Rae. — Deve ter sido *mesmo* odiosa, para a Afrodite dizer que foi mazinha.

— E foi. Odiosa o bastante para os amigos dela acharem que o facto de ela dormir com o Loren equivaler a dar-lhes uma bofetada a eles. Portanto, a seguir à bomba do Erik «a Zoey é uma puta», segue-se a bomba «a Zoey tem feito segredo do facto de a Stevie Rae estar morta-viva», e temos uma corja de marados completamente passados que não querem confiar mais na Zoey.

— O que quer dizer que a Zoey está sozinha, exatamente como a Neferet queria — terminei o raciocínio por ela, e achei perturbante a facilidade com que podia falar de mim mesma na terceira pessoa.

— É a segunda morte que eu vi para ti — disse Afrodite. — Estás completamente sozinha. Não há derradeiro vislumbre de nenhum miúdo giro nem há manada dos marados. O teu isolamento é a imagem predominante com que fiquei da segunda visão.

— O que é que me mata?

— Bem, aí torna a confusão. Tenho uma imagem da Neferet como ameaça para ti, mas a visão fica toda esquisita quando tu és realmente atacada. Sei que vai parecer bizarro, mas no último momento vi uma coisa preta a flutuar à tua volta.

— Como um fantasma ou coisa assim? — Engoli em seco.

— Não. Não era bem. Se o cabelo da Neferet fosse preto, eu diria que era o cabelo dela a esvoaçar à tua volta numa grande ventania, como se ela estivesse atrás de ti. Tu estás sozinha e estás mesmo, *mesmo* apavorada. Tentas pedir socorro, mas ninguém te ouve e tu estás tão aterrorizada que ficas paralisada e não dás luta. Ela, ou seja lá o que for, rodeia-te e, de algum modo, com uma coisa escura e curva, corta-te o pescoço. É tão afiada que te abre a garganta e te arranca a cabeça dos ombros. — Afrodite estremeceu e depois acrescentou: — Coisa que, caso duvides, sangra e muito.

— Que nojo, Afrodite! Tinhas de contar pormenores? — Ralhou Stevie Rae, e voltou a pôr o braço nos meus ombros.

— Não, não faz mal — disse eu depressa. — A Afrodite tem de contar os detalhes todos de que se consiga lembrar – como quando teve as visões da tua morte, da Avó e do Heath. É a única maneira de descobrirmos como mudar as coisas. Portanto, que mais viste acerca da minha segunda morte? — Perguntei a Afrodite.

— Apenas que tu chamas por socorro, mas não acontece nada. Toda a gente te ignora — respondeu Afrodite.

— Fiquei apavorada hoje, quando do meio da noite me apareceu uma coisa à frente. Tão apavorada que, por segundos, paralisei e não soube o que fazer — disse eu, e senti-me estremeecer só com a lembrança.

— A Neferet pode ter tido algo a ver com isso que te aconteceu há bocado? — Perguntou Stevie Rae.

Encolhi os ombros.

— Não sei. Não consegui ver nada, tirando um negrume sinistro.

— Negrume sinistro foi o que eu vi também. Por mais que de teste dizê-lo, tens de fazer com que a manada dos marados deixe de estar zangada contigo, porque estares sem amigos não é nada bom — disse Afrodite.

— É fácil falar — disse eu.

— Não sei porquê — disse Stevie Rae. — Conta-lhes a verdade sobre a Neferet estar por detrás da tua ligação ao Loren, e conta-lhes que não podias dizer nada de eu estar morta-viva porque a Neferet iria... — As palavras de Stevie Rae morreram-lhe na boca quando ela se apercebeu do que dizia.

— Pois, é de génio. Conta-lhes que a Neferet é uma cabra maléfica responsável por um monte de miúdos mortos-vivos, e da primeira vez que qualquer um dos membros da manada dos marados estiver perto

dos pensamentos da Neferet, vai ser um pandemónio. O que significa que a nossa Sumo-Sacerdotisa cabra maléfica não só saberá o que sabemos, como também fará qualquer coisa altamente má aos teus amiguinhos. — Afrodite parou de falar e tamborilou no queixo. — Hum, pensando bem, talvez parte dessa hipótese não seja má de todo.

— Ouçam — disse Stevie Rae. — O Damien, as Gémeas e o Jack já sabem algo que os vai meter em sarilhos com a Neferet. Sabem de mim.

— Raios me partam — disse eu.

— Ora merda — disse Afrodite. — Esqueci-me completamente do pormenor «a Stevie Rae não morreu». Porque será que a Neferet ainda não arrancou isso das cabecinhas dos teus amigos e se passou dos carros?

— Tem andado muito ocupada a orquestrar uma guerra — respondi. Quando Afrodite e Stevie Rae piscaram os olhos com ar confuso, apercebi-me de que as notícias sobre Loren não eram as únicas de que elas não sabiam. — Quando a Neferet soube do assassinato do Loren, declarou guerra aos humanos. Não será guerra aberta, claro. Ela quer que seja uma guerra de guerrilha, suja, terrorista. Credo, é mesmo nojenta. Não percebo como é que ninguém vê.

— Sangue e tripas com os humanos? Hum. Mas que interessante. Parece que o aumento das hostes de Filhos de Erebus vai ser a nossa arma de destruição maciça — disse Afrodite. — Que bom, há que ver as vantagens numa situação reles.

— Como é que podes fazer tão pouco caso de uma coisa destas? — Perguntou Stevie Rae, e saltou da cama.

— Primeiro de tudo, não gosto muito de humanos. — Afrodite levantou a mão antes que Stevie Rae se lançasse numa tirada. — Pronto, sim, já sei. Eu *sou* humana agora. Só me faz dizer *argh*. Segundo, a Zoey está viva e de boa saúde, pelo que não estou particularmente ralada com esta guerrinha pavorosa.

— Mas de que raio estás a falar, Afrodite? — Inquiri.

Afrodite revirou os olhos.

— Não te importas de tomar atenção? Vá lá, agora tudo faz sentido. A minha visão era sobre a guerra entre humanos e vampiros e uns bichos-papões horrorosos. Na verdade, devem ser aquilo que te atacou e podem muito bem ser sequazes de Neferet que desconhecemos. — Calou-se, com ar momentaneamente confuso, mas depois encolheu os ombros e continuou: — Não interessa nada. Esperemos não ter de descobrir o que são, porque a guerra só acontece *depois* de tu morreres. Trágica e grotescamente, devo acrescentar. Seja como

for, parece-me que, se te mantivermos viva, impedimos a guerra de acontecer.

Stevie Rae exalou longa e profundamente.

— Tens razão, Afrodite. — Virou-se para mim. — Temos de te manter viva, Zoey. Não porque te adoramos mais do que adoramos chocolate, mas porque tu tens de salvar o mundo.

— Lindo. Eu tenho que salvar o mundo? — Só conseguia pensar, *E andava eu ralada com Geometria.*

Raios me partam.



SEXTO CAPÍTULO

Pois, tens de salvar o mundo, Z, mas estaremos lá contigo — disse Stevie Rae, e tornou a sentar-se na cama a meu lado.

— Não, totó. Eu é que estarei aqui com ela. Tu tens de sair daqui até sabermos o que dizer ao resto da manada dos marados, sobre ti e os teus amigos com problemas de higiene — disse Afrodite.

Stevie Rae fez má cara para Afrodite.

— Há? Amigos? — Fiz eu.

— Eles sofreram muito, Afrodite. E fica sabendo que tomar banho e decorar a casa não vale pevas quando se está morto. Ou morto-vivo — disse Stevie Rae. — Mais, tu sabes que eles agora estão melhores, e que até estão a usar as coisas que tu lhes compraste.

— Pronto, malta, vocês vão ter de rebobinar. De que amigos estão...? — E depois apercebi-me de quem deviam estar a falar. — Stevie Rae, não me digas que ainda te dás com os miúdos nojentos dos túneis.

— Tu não compreendes, Zoey.

— Tradução: Sim, Zoey, ainda me dou com os enjeitados nojentos dos túneis — disse Afrodite, a imitar Stevie Rae no seu típico sotaque do Oklahoma.

— Para com isso — disse eu automaticamente para Afrodite, antes de me virar para Stevie Rae. — Não, não compreendo. Faz-me compreender.

Stevie Rae respirou fundo. — Bem, acho que isto — e apontou para a sua tatuagem escarlate — significa que eu tenho de estar ao pé dos restantes miúdos com as tatuagens vermelhas para os poder ajudar na Mudança também.

— Os restantes mortos-vivos têm tatuagens vermelhas como a tua?

Ela encolheu os ombros, parecendo constrangida.

— Mais ou menos. Eu sou a única com a tatuagem terminada, o que deve querer dizer que passei pela Mudança. Mas os contornos das meias-luas azuis das testas deles estão agora todos vermelhos. Eles ainda são iniciados. São apenas, bem, uma espécie diferente de iniciados.

Uau! Fiquei ali sentada, muda, a tentar abarcar as implicações do que Stevie Rae dissera. Era completamente espantoso que houvesse agora um tipo de iniciado completamente novo, o que significava, evidentemente, haver um tipo completamente novo de vampyro adulto e, por momentos, fiquei entusiasmada. E se isso significasse que todos os que fossem Marcados passariam por qualquer espécie de Mudança, não haveria mais iniciados a morrer! Permanentemente não, pelo menos. Transformar-se-iam apenas em iniciados vermelhos. Seja lá o que isso queira dizer.

Depois recordei-me do quanto os outros miúdos eram horro-rosos. Tinham assassinado adolescentes. Horrivelmente. Tinham tentado matar o Heath. Eu fora a única coisa que o salvara. Raios, eles ter-me-iam matado se eu não usasse a afinidade que tenho com os cinco elementos para nos salvar aos dois.

Recordei-me também do clarão encarnado que vira nos olhos de Stevie Rae antes, e na maldade que parecera tão deslocada no seu rosto, mas ao vê-la agora, a falar e a agir como ela mesma, era fácil convencer-me de que estivera enganada – de que imaginara ou exagerara o que vira.

Dei um abanão mental a mim própria e disse:

— Mas, Stevie Rae, os outros miúdos eram horríveis.

Afrodite fungou.

— *Ainda* são horríveis e vivem num sítio horrível. E sim, ainda são horrivelmente brutos, também.

— Não estão descontrolados como estavam, mas também não são aquilo a que se chamaria normal — disse Stevie Rae.

— São indesejados nojentos, e mais nada — disse Afrodite. — É como ter enteados ruivos.

— Pois, alguns deles têm problemas e não são os miúdos mais populares de sempre, e depois?

— Estou só a dizer que seria mais fácil descobrir o que vamos fazer contigo se só tivéssemos de lidar contigo.

— Nem sempre se trata do que é mais fácil. Não me importa o

que temos de fazer, nem o que eu tenho de fazer. Não vou deixar que a Neferet use os outros miúdos — disse-lhe Stevie Rae com firmeza.

E aquilo que Stevie Rae disse fez clique. Estremeci, horrorizada, quando o instinto me disse que a ideia terrível que acabara de me ocorrer estava certa.

— Oh, meu Deus! É por *isso* que a Neferet fez o que fez para que os miúdos que morreram voltassem mortos-vivos. Ela quer usá-los na guerra que declarou aos humanos.

— Mas, Z, os miúdos andam a morrer há já algum tempo, e a Professora Nolan e o Loren foram mortos agora, e a Neferet acabou de declarar a tal coisa da guerra de guerrilha — disse Stevie Rae.

Eu não disse nada. Não conseguia. Estava a pensar em coisas horríveis de mais para dizer em voz alta. Tinha pavor que as sílabas das palavras se transformassem em armas separadas e que, se eu as juntasse, se aliassem para nos destruir a todos.

— O que foi? — Afrodite observava-me com demasiada atenção.

— Nada. — Sopesei as palavras na minha cabeça até ficarem toleráveis. — Só que tudo isto me faz pensar que a Neferet tem estado à espera de um motivo para lutar com os humanos há muito tempo. Não me admiraria mesmo nada que ela tivesse criado os miúdos mortos-vivos para seu exército particular. Eu vi-a com o Elliott, pouco depois de ele ter morrido. O domínio que ela exercia sobre ele era uma coisa nojenta. — Estremeci, ao recordar-me, com clareza de mais, como Neferet dera ordens a Elliott e como ele se humilhara diante dela, e depois aproveitara a oferta do seu sangue, de uma maneira nojenta e demasiado sexual. Aquela cena tinha sido um nojo de contemplar.

— Por isso é que tenho de voltar para o pé deles — disse Stevie Rae. — Eles precisam que eu tome conta deles e lhes mostre que também eles podem Mudar. Quando a Neferet souber das Marcas diferentes deles, ainda vai tentar dominá-los e mantê-los — bem, digamos, de uma maneira nada boa. Eu acho que eles podem ficar bons outra vez, como eu fiquei boa outra vez.

— E aqueles que nunca foram bons? Lembras-te do Elliott de que a Zoey falou há pouco? Era um traste em vivo e é um traste morto-vivo. E ainda há de ser um traste quando conseguir Mudar para qualquer coisa vermelha. — Afrodite soltou um suspiro exagerado de grande sofrimento quando Stevie Rae lhe lançou um olhar furioso. — A questão que estou a tentar explicar é que eles já não eram normais para começar. Talvez não haja nada que tu possas salvar neles.

— Afrodite, não te compete escolher quem vale a pena salvar. Eu posso ter sido uma miúda bem normal antes de morrer, mas agora não sou propriamente normal — disse Stevie Rae. — E valia a pena salvar-me!

— Nyx — disse eu, fazendo-as virarem-se para mim com ar interrogativo.

— Compete a Nyx escolher quem vale a pena salvar. Não é a mim, não é a Stevie Rae, nem sequer a ti, Afrodite.

— Acho que me esqueci de Nyx — disse Afrodite, e virou o rosto para longe de nós, para não se ver o sofrimento no seu olhar. — Não é que a Deusa queira ter alguma coisa a ver com uma miúda humana, seja como for.

— Isso não é verdade — disse eu. — A mão de Nyx ainda está em ti, Afrodite. A Deusa está grandemente presente aqui. Se ela não se ralasse contigo, ter-te-ia tirado as visões quando te tirou a Marca. — Quando falei, tive a sensação que costumo ter quando sei de certeza que digo a coisa certa. Afrodite era uma seca mas, por alguma razão, era importante para a nossa Deusa.

Afrodite fitou-me.

— Estás a deitar-te a adivinhar, ou *sabes* isso?

— *Sei*. — E continuei a fitá-la.

— Juras? — Perguntou ela.

— Juro.

— Bem, isso é simpático e tudo, Afrodite — disse Stevie Rae — mas devias ter em mente que também não és exatamente normal.

— Mas sou gira, lavadinha, e não ando a rastejar por túneis velhos e asquerosos, a rosnar e a mostrar os dentes às visitas.

— O que nos leva a outro assunto. Porque é que tu estavas nos túneis? — Perguntei a Afrodite.

Ela revirou os olhos.

— Porque ali a Menina Rádio *Country* tinha de se armar em vaqueira e ir atrás de mim.

— Pois, tu passaste-te quando a tua Marca desapareceu e, ao contrário de algumas pessoas, eu não sou inimiga de ninguém. Além disso, pode ter sido mais ou menos culpa minha que tu tenhas perdido a Marca, e era a coisa certa a fazer para garantir que ficavas bem — disse Stevie Rae.

— Tu mordeste-me, totó — disse Afrodite. — Claro que foi culpa tua.

— Já pedi desculpas por isso.

— Hum, malta, podemos não mudar de assunto?

— Ótimo. Fui àqueles túneis estúpidos porque a estúpida da tua Melhor Amiga ia começar a arder se fôssemos apanhadas pela luz do Sol.

— Mas como é que desapareceste durante dois dias?

Afrodite parecia constrangida.

— Levei dois dias a decidir se deveria voltar ou não. Além disso, tinha de ajudar a Stevie Rae a comprar coisas para os túneis e os anormais lá dentro. Nem eu podia vir-me embora e deixá-los todos — parou de falar e estremeceu delicadamente para dar mais efeito — todos asquerosos.

— Ainda não estamos habituados a ter visitas — disse Stevie Rae.

— Queres dizer tirando as pessoas que os teus amigos gostam de morder? — Perguntou Afrodite.

— Stevie Rae, tu não podes deixar os miúdos morderem pessoas. Nem sequer pessoas da rua — acrescentei.

— Eu sei. É outra razão para ir ter com eles.

— Tens de levar criadas e uma boa equipa de decoração de interiores contigo — resmungou Afrodite. — Eu oferecia-te os serviços dos criados dos meus pais, mas os teus amigos podiam comê-los e, como diz a minha mãe, é muito difícil arranjar imigrantes ilegais.

— Não vou deixar que os miúdos mordam gente, e estou a tratar de pôr os túneis em ordem — disse Stevie Rae, na defensiva.

Lembrava-me muito bem do quanto os túneis escuros e sujos eram sinistros.

— Stevie Rae, não há sítio onde tu e os teus, hum, iniciados vermelhos, possam ficar?

— Não! — Respondeu ela depressa, mas depois sorriu em ar de desculpa. — Sabes, estar debaixo da terra é bom para mim, e para eles. Precisamos de estar dentro da terra. — Olhou para Afrodite, que torcia o nariz para Stevie Rae e fazia cara de enojada. — Pois, eu sei que não é normal, mas eu disse-te que não sou normal!

— Ouve lá, Stevie Rae — disse eu. — Concordo plenamente contigo em que não há nada de mal em não ser normal. Quer dizer, olha para mim. — Apontei para as minhas muitas tatuagens, coisa que decididamente não era *nada normal*. — Sou Rainha da Terra Que Não é Normal, mas talvez seja melhor explicares-me o que *entendes* por não ser normal.

— Isto vai ser giro — disse Afrodite.

— Pronto, bem, ainda não sei tudo a meu respeito. Só estou morta-viva e Mudada há poucos dias, mas tenho aptidões que os vampes adultos normais não devem ter, parece-me.

— Como, por exemplo... — instei eu, já que ela só mordia o lábio.

— Como, por exemplo, aquilo de «fazer parte» das pedras que fiz para escalar a parede do dormitório. Mas se calhar posso fazer isso devido à afinidade que tenho com a terra.

Assenti, a refletir.

— Faz realmente sentido. Eu descobri que posso chamar os elementos a mim e consigo mais ou menos desaparecer e ser só bruma e vento e sei lá.

Stevie Rae animou-se.

— Pois é! Lembro-me de quando estavas praticamente invisível daquela vez.

— Pois. Portanto, talvez não seja anomalia nenhuma ter essa aptidão. Talvez todos os vampes com afinidades com um elemento possam fazer coisas assim.

— Merda, estava-se mesmo a ver! Vocês duas ficam com as aptidões fixas. Eu fico com as visões da seca — disse Afrodite.

— Pode ser por causa de tu seres uma seca — disse Stevie Rae.

— Que mais? — Perguntei, antes que elas começassem a brigar outra vez.

— Começo a arder se sair para o Sol.

— Ainda? Tens a certeza absoluta? — Eu já sabia que o Sol era um problema, quando ela era só uma miúda morta-viva.

— Ela tem a certeza — respondeu Afrodite. — Lembra-te, por isso é que tivemos de ir para os túneis asquerosos. O Sol estava a nascer. Estávamos na baixa. A Stevie Rae passou-se.

— Eu soube que me iria acontecer qualquer coisa má se ficasse acima da terra — disse Stevie Rae. — Não me passei propriamente — fiquei só muito aflita.

— Pois bem, não estamos de acordo quanto às tuas mudanças de humor. Eu digo que te passaste completamente quando o teu braço apanhou Sol. Olha só, Z. — Afrodite apontou para o braço direito de Stevie Rae.

Stevie Rae esticou o braço, com relutância, e arregaçou a manga da blusa. Vi uma mancha vermelha no antebraço e no cotovelo, como se ela se tivesse queimado na praia.

— Não tem mau aspeto. Ecrã solar, óculos de sol e um boné, e ficarás bem — disse eu.

— Hum, não — era Afrodite outra vez. — Devias ter visto *antes* de ela beber sangue. O braço estava mesmo com mau aspeto e esturrica-

do. Beber sangue fê-lo passar de porcária em terceiro grau para queimadura solar ligeiramente chata, mas sabe-se lá o resultado se tivesse sido o corpo todo a fritar.

— Stevie Rae, fofinha, que fique bem claro que não estou a julgar ninguém, mas não mordeste um sem-abrigo, nem nada assim, depois de começares a arder, pois não?

Stevie Rae abanou a cabeça com tanta força que os caracóis saltaram por todo o lado.

— Népias. A caminho dos túneis, fiz um desviozinho e levei emprestado sangue do banco de sangue da Cruz Vermelha da baixa.

— *Emprestado* quer dizer «devolver quando já não precisar» — disse Afrodite. — E, a menos que vás ser a primeira vampyra bulímica, não me parece que vás devolver o sangue. — Afrodite brindou Stevie Rae com um olhar presumido. — Portanto, na realidade, roubaste-o. O que nos leva à nova habilidade da tua Melhor Amiga. Desta eu sou testemunha. Mais de uma vez, até. E sim, foi perturbador. Ela é aberrantemente boa a controlar a mente dos humanos. Repara bem que a palavra-chave no que eu acabei de dizer se encontra no radical, *aberrante*.

— Já acabaste? — Perguntou Stevie Rae a Afrodite.

— Talvez não, mas podes continuar — respondeu Afrodite.

Stevie Rae franziu o sobrolho para ela e depois continuou a explicar-me a mim.

— A Afrodite tem razão. É como se eu conseguisse alcançar uma mente humana e fazer coisas.

— Coisas? — Inquiri.

Stevie Rae encolheu os ombros.

— Coisas como, por exemplo, fazê-los vir ter comigo, ou esquecer que me viram. Não sei bem que mais coisas. Conseguia fazer isto mais ou menos antes da Mudança, mas nada que se comparasse ao que consigo fazer agora, e não me sinto nada à vontade a controlar mentes. Parece tão... sei lá... mauzinho.

Afrodite fungou.

— Pronto, que mais? Ainda tens de ser convidada para poderes entrar em casa de alguém? — E depois respondi à minha pergunta. — Espera, isso deve ter mudado, porque eu não te convidei a entrar aqui, e cá estás tu. Não é que não te tivesse convidado. Convidaria de certeza — acrescentei rapidamente.

— Disso não sei. Entrei logo no sítio da Cruz Vermelha.

— Queres dizer que entraste logo depois de controlares a

mente daquela técnicazinha de laboratório para te abrir a porta — disse Afrodite.

Stevie Rae corou.

— Eu não lhe fiz mal nem nada, e ela não se vai lembrar de nada.

— Mas ela não te convidou a entrar? — Perguntei.

— Não, mas o edifício da Cruz Vermelha é um sítio público, e a mim parece-me diferente. Ah, e não acho que tivesses de me convidar a entrar aqui, Z. Eu morava aqui, lembra-te?

Sorri para ela.

— Lembro-me.

— Se começarem a dar as mãos e a cantar «Encosta-te A Mim», vou ter de me ir embora para não começar aos engulhos — disse Afrodite.

— Achas que consegues usar o teu controlo mental nela, a ver se ela para de uma vez por todas? — Perguntei.

— Nicles. Já tentei. Há qualquer coisa no cérebro dela que não me deixa entrar.

— É a minha inteligência superior — disse Afrodite.

— É mais a tua seca superior — disse eu. — Continua, Stevie Rae.

— Vejamos, que mais... — Refletiu por segundos, e depois disse: — Sou muito mais forte do que era.

— Os vampyros adultos normais são fortes — disse eu. Depois lembrei-me de que ela tivera de parar para beber sangue. — Portanto, ainda tens de beber sangue?

— Tenho, mas se não conseguir, não me parece que fique doidinha como acontecia antes. Não me agradaria passar sem ele, mas acho que não me tornaria num monstro sedento de sangue.

— Mas ela não tem a certeza — atalhou Afrodite.

— Detesto que ela tenha razão, mas ela tem razão — disse Stevie Rae. — Há tanta coisa que eu não sei sobre o tipo de vampyra em que me Mudei, e assusta-me um bocadinho.

— Não te aflijas. Temos muito tempo para descobrir isso tudo.

Stevie Rae sorriu e encolheu os ombros.

— Bem, minha gente, vão ter de descobrir sozinhas, porque eu tenho de me ir embora. — Pregou-me um susto dos diabos quando começou a andar para a janela.

— Espera aí. Temos muito que conversar. E como anunciaram em parangonas que as férias acabaram, vai haver iniciados e vamps por todo o lado outra vez, já para não falar nos Filhos de Erebus, e em toda a coisa da guerra com os humanos, com que terei de lidar se tentar sair do

campus para te ver, por isso não sei quando te conseguirei ver. — Estava a começar a sentir-me um bocadinho sem fôlego com a quantidade de problemas que tínhamos entre mãos.

— Não te aflijas, Z. Ainda tenho o telemóvel que me deste. Liga e eu posso voltar cá a qualquer altura.

— A qualquer altura em que não haja Sol, queres tu dizer — disse Afrodite, e ajudou-me a abrir a janela a Stevie Rae.

— Pois, é isso que eu quero dizer. — Stevie Rae olhou para Afrodite. — Sabes que podes vir comigo, se não quiseres ficar aqui e fingir.

Pisquei os olhos para a minha Melhor Amiga, admirada. Não era que ela tolerasse Afrodite, mas ali estava ela, a oferecer-lhe onde ficar, e num tom de voz simpático também, o que era exatamente como a Stevie Rae que eu conhecia e adorava – e senti-me muito mal por, algures na minha cabeça, ter imaginado que ela se portasse como morta-viva e inumana outra vez.

— A sério, podes vir comigo — repetiu Stevie Rae, e como Afrodite não dizia nada, acrescentou uma coisa que me soou mesmo estranha. — Eu sei como é fingir. Nos túneis não terias de fazer isso.

Estava à espera que Afrodite a gozasse e dissesse uma piada qualquer sobre os iniciados vermelhos e falta de higiene, mas aquilo que ela disse surpreendeu-me ainda mais do que a proposta de Stevie Rae.

— Tenho de ficar aqui e fingir que ainda sou iniciada. Não vou deixar a Zoey sozinha, e não confio que o maricas e as Gémeas Parolesas se mostrem amiguinhos agora. Mas obrigada, Stevie Rae.

Sorri para Afrodite.

— Vês, sabes ser simpática quando te esforças.

— Não estou a ser simpática. Estou a ser prática. Um mundo cheio de guerra não é nada bonito. Sabes, com toda a gente a suar e a fugir e a lutar e a matarem-se uns aos outros. Simplesmente não é conducente a cabelo nem a unhas bem arranjadas.

— Afrodite — disse eu, cansada — não é mau ser simpática.

— Diz a Rainha da Terra que Não é Normal — ironizou Afrodite.

— O que quer dizer que ela é a tua rainha, Miúda das Visões — disse Stevie Rae. Depois deu-me um abraço rápido. — Adeus, Z. Até breve. Juro.

Abracei-a também, adorei senti-la, cheirá-la e ouvi-la como ela era outra vez.

— Está bem, mas quem me dera que não tivesses de ir.

— Vai correr tudo bem. Verás. Vai tudo resolver-se. — Depois saiu pela janela. Fiquei a vê-la descer a parede abrupta do dormitório. Parecia um inseto rastejante, até o corpo dela se dissolver e ela praticamente desaparecer. Aliás, se eu não soubesse que ela estava ali, nunca a teria visto de todo.

— É como se ela fosse um daqueles lagartos que muda de cor para combinar com o ambiente — disse Afrodite.

— Camaleões — disse eu. — É como se chamam.

— Tens a certeza? As osgas parecem-se mais com a Stevie Rae, para mim.

Fiz-lhe má cara. — Tenho a certeza. Para de te armares em espartalhona e ajuda-me a fechar a janela.

Com a janela fechada e os cortinados corridos outra vez, suspirei e abanei a cabeça. Mais para mim mesma do que para ela, disse:

— Então, o que vamos fazer?

Afrodite começou a apalpar a bolsinha da Coach que usava ao ombro como se fosse um artigo de decoração.

— Quanto a ti, não sei, mas eu vou usar este lápis de olhos ridículo para desenhar a minha Marca outra vez. Acreditas que encontrei este tom na Target? — Estremeceu. — Qual das atrasadinhas da moda é que usaria isto? Seja como for, vou tratar disto, e depois vou à estúpida da reunião que a Neferet convocou.

— Eu queria dizer, *o que vamos fazer quanto a estas coisas de vida e morte que estão a passar-se?*

— Não sei, caraças! Não quero isto. — Apontou para a Marca falsa. — Não quero nada disto. Só quero ser o que era antes de tu apareceres aqui e ficar tudo de pernas para o ar. Quero ser popular e poderosa e namorar com o gajo mais podre de bom da escola. Agora não sou nada dessas coisas, e sou humana e tenho visões pavorosas e não sei o que fazer com nada disso.

Eu não disse nada por segundos, a pensar no facto de ser por minha causa que Afrodite perdera a popularidade, o poder, o namorado. Quando finalmente falei, fiquei admirada por dizer exatamente o que me passava pela cabeça.

— Deves odiar-me.

Ela fitou-me durante muito tempo.

— Odiei — disse, lentamente. — Mas agora é mais a mim que odeio.

— Não — disse eu.

— E porque raio não hei de odiar-me? Toda a gente me odeia.

— As palavras soaram ásperas e más, mas os olhos dela estavam cheios de lágrimas.

— Lembras-te da coisa odiosa que me disseste, não há muito tempo, quando achavas que eu era perfeita?

Um sorrisinho curvou-lhe os lábios.

— Terás de mo recordar. Eu disse-te montes de coisas odiosas.

— Bem, desta vez em particular, disseste qualquer coisa sobre o facto de o poder mudar as pessoas e de as levar a fazer disparates.

— Ah, pois. Já me estou a lembrar. Eu disse que o poder muda as pessoas, mas falava das pessoas que te rodeiam.

— Bem, tinhas razão quanto a elas e a mim, e agora compreendo. E também compreendo muitas das coisas estúpidas que fizeste. — Sorri e acrescentei:

— Nem todas as coisas estúpidas que fizeste, mas muitas delas. Porque agora fiz a minha parte de coisas estúpidas, e acho que não terminei de fazer coisas estúpidas – por mais deprimente que isto pareça.

— Deprimente, mas verdadeiro — disse ela. — Ah, a propósito, já que falamos de o poder mudar as pessoas, tens de te lembrar disso quando lidas com a Stevie Rae.

— O que queres dizer?

— Precisamente o que disse. Ela mudou.

— Vais ter de te esforçar mais — disse eu, e já podia sentir a náusea no estômago.

— Não finjas que não reparaste em nada de estranho nela — disse Afrodite.

— Ela passou por muita coisa — justifiquei eu.

— Exatamente onde quero chegar. Ela passou por muita coisa, e isso mudou-a.

— Tu nunca gostaste da Stevie Rae, e não espero que, de repente, te comeces a dar bem com ela, mas não te vou ouvir a dizer disparates sobre ela – especialmente depois de ela te ter proposto que fosses com ela, para não teres de ficar aqui a fingir que és uma coisa que não és. — Estava a ficar mesmo irritada, e não sabia se era porque o que Afrodite dizia era odioso e errado, se porque era uma verdade aterradora que eu não queria enfrentar.

— Já te ocorreu que talvez ela quisesse que eu fosse com ela, porque a Stevie Rae não quer que eu passe tempo nenhum contigo?

— Que estupidez. Porque é que ela se importaria? É a minha melhor amiga, e não o meu namorado.

— Porque sabe que eu vi para além da fachada dela e que te vou

contar a verdade sobre ela. A verdade é que ela não é quem costumava ser. Não sei bem o que é agora, e acho que ela também não sabe, mas decididamente, já não é a antiga Stevie Rae boazinha.

— Eu sei que ela não é bem quem era! — Estalei. — Como poderia ser? Ela morreu, Afrodite! Nos meus braços. Lembras-te? E eu sou boa amiga o suficiente para não lhe virar as costas, só porque passar por uma coisa que muda a vida a qualquer um a tenha mudado mesmo.

Afrodite ficou ali a olhar para mim durante muito tempo, sem dizer nada – tanto tempo que me começou a doer o estômago outra vez. Por fim, encolheu um ombro.

— Pronto. Acredita no que quiseres. Espero que tenhas razão.

— Tenho razão, e não quero voltar a falar disto — declarei, a sentir-me estranhamente trémula.

— Pronto — repetiu ela. — Já não falo mais sobre isso.

— Ótimo. Acaba lá de desenhar a Marca e vamos à reunião.

— Juntas?

— Pois.

— Não te rala que as pessoas saibam que não nos odiamos? — Perguntou ela.

— Bem, eu vejo a coisa assim: as pessoas, especialmente os meus amigos, vão pensar muita coisa nada simpática sobre a possibilidade de eu e tu nos termos tornado amigas de repente.

Afrodite arregalou os olhos.

— O que vai impedir que os cérebros pequeninos deles pensem na Stevie Rae.

— Os meus amigos não têm cérebros pequeninos.

— Não interessa.

— Mas sim, o Damien e as Gémeas estarão entretidos com pensamentos irritados sobre ti, o que vai decididamente ocupar-lhes a cabeça, caso a Neferet se ponha à escuta — disse eu.

— Parece o princípio de um plano — disse ela.

— Infelizmente, não tenho mais nada de plano nenhum.

— Bem, pelo menos és coerente quanto a não saberes o que raio estás a fazer.

— Que bom da tua parte veres o lado positivo das coisas.

— Tenho todo o gosto em ajudar — disse Afrodite.

Quando terminou de retocar a Marca falsa, fomos juntas para a porta. Antes de a abrir, olhei de lado para ela.

— Ah, e eu também não te odeio — disse. — Aliás, estou a afeiçoar-me a ti.

indomável

Afrodite lançou-me um dos seus melhores esgares e disse:
— Vês, é o que quero dizer a respeito de seres coerente quanto a não saberes o que raio andas a fazer.

Ainda me estava a rir quando abri a porta e deparei com Damien, Jack e as Gémeas.



SÉTIMO CAPÍTULO

Quemos falar contigo, Z — começou Damien.
— E ficamos contentes por ver que ela se vai embora — disse Shaunee, com má cara para Afrodite.
— Pois, vê lá se a porta não te bate nesse rabo esquelético à saída — disse Erin.
Vi a mágoa perpassar pelo rosto de Afrodite.
— Ótimo. Vou-me daqui — disse ela.
— Afrodite, tu não vais a parte nenhuma. — Tive de esperar que as Gémeas deixassem de bufar e fazer ruídos de incredulidade antes de poder continuar. — Nyx está a trabalhar fortemente na vida de Afrodite. Confiam no discernimento de Nyx? — Perguntei, a olhar para cada um dos meus amigos.
— Sim, claro que confiamos — Damien falou por todos.
— Então terão de aceitar a Afrodite como uma de nós — disse eu.
Houve uma longa pausa, durante a qual as Gémeas, Jack e Damien todos se entreolharam, e depois Damien falou por fim:
— Acho que temos mesmo de admitir que Afrodite seja especial para Nyx, mas a verdade é que nenhum de nós confia nela.
— O que é irónico, já que estamos a ter problemas de confiança em ti — disse Shaunee.
— Manada de marados, não fazem sentido nenhum — disse Afrodite. — Ora se põem todos «Ah, sim! Confiamos em Nyx!», ora dizem que têm problemas em confiar na Zoey. A Zoey é a iniciada. Ninguém – vampe ou iniciado – jamais foi tão agraciado por Nyx. Orientem-se, está bem? — Afrodite revirou os olhos.

— A Afrodite pode ter razão — a voz de Damien deparou com um silêncio aturdido.

— A sério? — Ironizou Afrodite, sarcástica. — Eis outro boletim noticioso para a manada dos marados – a minha última visão foi da Zoey a ser assassinada e o mundo a mergulhar no caos total por causa disso. E adivinhem quem era responsável pelo assassinio da vossa presumível amiga? — Parou de falar e ergueu o sobrolho para Damien e as Gémeas, antes de responder à própria pergunta: — Vocês todos. A Zoey é assassinada porque vocês todos lhe viram as costas.

— Ela teve uma visão sobre a tua morte? — Perguntou Damien. De repente, tinha ficado muito branco.

— Teve, duas, até. Mas as visões eram uma confusão. Ela viu-as do meu ponto de vista, o que foi mais ou menos feio. Seja como for, só tenho de ficar longe da água e — calei-me quando quase ia dizer *e da Neferet*. Felizmente, Afrodite atalhou logo.

— Tem de ficar longe da água e não pode ficar isolada — disse ela. — O que significa que os meninos têm de fazer as pazes. Mas esperem que eu não esteja a ver, porque vou ficar enjoada de certezinha.

— Ficámos zangados contigo, Z — disse Shauneen, quase tão pálida quanto Damien.

— Mas não queremos que morras — terminou Erin, com ar igualmente abalado.

— Eu morreria se tu morresses — disse Jack, a fungar. Depois pegou na mão de Damien.

— Bem, então têm mesmo que se deixar de manias e voltar a ser o bando de amiguinhos totós — disse Afrodite.

— Desde quando te importa que a Zoey viva ou morra? — Perguntou Damien.

— Desde que trabalho para Nyx, e não para mim. E Nyx rala-se com a Zoey; logo, eu ralo-me com a Zoey. E ainda bem. Vocês dizem-se os melhores amigos dela, e basta um ou dois segredinhos e uns equívocos estúpidos para a ostracizarem. — Afrodite olhou para mim e resfolegou. — Raios, Zoey, com amigos assim, ainda bem que não somos inimigas.

Damien virou costas a Afrodite, a abanar a cabeça e com ar mais magoado do que zangado.

— O que me deixa confuso no meio disto tudo é ser perfeitamente claro que tu lhe contas coisas a *ela* que não contas a nós.

— Com franqueza, minha menina. Não tenhas nenhum chique por causa de eu ficar com o teu lugar de totó ao lado da Zoey. É

simples por que razão ela me conta coisas. Os vampes não me conseguem ler os pensamentos.

Damien piscou os olhos, admirado. Depois, arregalou-os à medida que ia compreendendo, e olhou para mim.

— E também não conseguem ler os teus, pois não?

— Não, não conseguem — respondi.

— Oh, caraças! — Exclamou Shaunee. — Queres dizer que, se nos contares, é o mesmo que contares a toda a gente?

— Não pode ser assim tão fácil aos vampes lerem os pensamentos dos iniciados, Z — disse Erin. — Se fosse, haveria um monte de miúdos em sarilhos o tempo todo.

— Espera, eles não ligam a coisas do tipo iniciados a esgueirarem-se do *campus*, ou casalinhos na marmelada — Damien falava devagar, como se fosse juntando dois mais dois. — Os vampes não se ralam com infraçõezinhas aqui e ali, desde que seja só coisas típicas de adolescentes, e não se põem «à escuta», ou como queiram chamar à sintonização clarividente e permanente deles.

— Mas e se achassem que se passava alguma coisa, que fosse mais do que uma infraçõezinha, e tivessem ideia de que certo grupo de iniciados poderia saber qualquer coisa — alvitrei.

— Concentrariam os seus pensamentos nesse grupo de iniciados — Damien concluiu por mim. — Tu não podes mesmo contar-nos certas coisas!

— Raios — disse Shaunee.

— Até mete nojo — disse Erin.

— Levaram tempo — disse Afrodite.

Damien não lhe ligou.

— Isto tem a ver com Stevie Rae, não tem?

Assenti.

— Por falar nisso — começou Shaunee.

— O que lhe aconteceu? — Perguntou Erin.

— Não lhe aconteceu nada — respondeu Afrodite. — Ela encontrou-me. Deixei de estar passada quando recuperei a minha Marca, e voltei para cá.

— E ela foi para onde? — Perguntou Damien.

— Mas tenho ar de ama-seca? Como raio hei de saber para onde foi a campónia da tua amiga? Ela só disse que tinha de se ir embora porque tinha problemas. Como se fosse novidade.

— Tu vais ter problemas com o meu punho na tua cara se começares a dizer mal da Stevie Rae — disse Shaunee.

— Eu seguro-lhe o couro esquelético para ti, Gémea — disse Erin.

— Mas as duas dividem um cérebro? — Ironizou Afrodite.

— Oh meu Deus! Basta! — Gritei. — Eu posso morrer. Duas vezes. Houve uma coisa qualquer fantasmagórica que se meteu comigo hoje, e agora sinto-me cagada de medo por causa disso. Não sei que raio se passa com a Stevie Rae, e a Neferet convocou uma Reunião do Conselho, provavelmente para falar dos planos para a guerra dela – guerra essa que não é nada a coisa certa a fazer. E vocês não sabem parar de brigar! Estão a fazer-me doer a cabeça e a irritar-me.

— É melhor darem-lhe ouvidos. Conteí dois palavrões a sério e um quase palavrão naquele discursozito. Ela está a falar a sério — comentou Afrodite.

Vi que as Gémeas tiveram mesmo de reprimir sorrisos. Credo. Qual é o problema de eu não gostar de dizer palavrões?

— Está bem. Vamos tentar dar-nos bem — afirmou Damien.

— Pela Zoey — disse Jack, e fez-me um sorriso doce.

— Pela Zoey — disseram as Gémeas em uníssono.

Senti o coração apertado a olhar para cada um dos meus amigos. Eles estavam comigo. Desse por onde desse – eles ainda me apoiariam.

— Obrigada, malta — disse, e tentei reter as lágrimas.

— Abraço de grupo! — Exclamou Jack.

— Raios me partam, mas não — protestou Afrodite.

— Ora lá está uma coisa em que estamos de acordo com Afrodite — disse Erin.

— Pois, são horas de irmos — disse Shaunee.

— Hum, Damien, também temos que ir. Disseste ao Stark que veríamos se ele estava bem instalado antes da reunião — disse Jack.

— Ah, pois é — anuiu Damien. — Adeus, Z. Até logo.

Ele e Jack seguiram as Gémeas para fora do meu quarto. Foram dizendo adeus e descendo o corredor, depois começaram a falar do quanto Stark era giro, e deixaram-me com Afrodite.

— Então, os meus amigos não são assim tão maus, pois não? — Perguntei.

Afrodite virou o seu olhar azul e frio para mim.

— Os teus amigos são totós — disse.

Sorri e dei-lhe um toque com o ombro. — Isso faz de ti uma totó.

— É disso que tenho medo — disse ela. — Falando de estar no inferno – vem ao meu quarto. Tens de me ajudar a descobrir uma coisa antes de irmos para a Reunião do Conselho.

Encolhi os ombros.

— Na boa. — Na verdade, sentia-me muito contente comigo própria. Os meus amigos já me falavam outra vez, e parecia que toda a gente se poderia dar uns com os outros. — Ouve — chamei-a quando descíamos o corredor até ao quarto de Afrodite. — Reparaste que as Gémeas te disseram uma coisa simpática antes de saírem?

— As Gémeas são simbióticas, e espero que muito em breve alguém as leve para fazer experiências científicas nelas.

— Essa atitude não ajuda — ralhei.

— Podemos concentrar-nos naquilo que interessa mesmo?

— Como, por exemplo?

— Eu, claro, e aquilo em que preciso da tua ajuda. — Afrodite abriu a porta do seu quarto, e entrámos naquilo que gosto de pensar ser o palácio dela. Quer dizer, credo, o sítio parece ter sido copiado da revista *Guia do Design Gossip Girl* – se houvesse. Coisa que infelizmente deve haver (não é que eu não adore a *Gossip Girl*!)

— Afrodite, já alguém te disse que deves ter um distúrbio de personalidade?

— Vários psiquiatras demasiado bem pagos. E eu ralada. — Afrodite atravessou o quarto e abriu a porta de um roupeiro pintado à mão (provavelmente uma antiguidade e estupidamente caro) que estava em frente à cama de dossel esculpida à mão (de certeza uma antiguidade e estupidamente cara). Enquanto remexia nele, disse:

— Ah, a propósito, tens de arranjar maneira de o Conselho aprovar que tu, e tragicamente eu, e – por mais que deteste dizê-lo – a tua manada dos marados, possamos sair do *campus*.

— Hã?

Afrodite suspirou e virou-se para mim.

— Não te importas de tomar atenção? Temos de poder ir e vir para podermos descobrir que raio se passa com a Stevie Rae e seus amigos porcalhões.

— Já te disse que não te vou deixar falar mal da Stevie Rae. Não se passa nada com ela.

— Isso está aberto a discussão, mas dado que te recusas a discutir sobriamente desta vez, estou a falar dos anormais com quem ela anda. E se tiveres razão e a Neferet os quiser usar contra os humanos? Não é que eu goste muito de humanos, mas de certeza que não gosto de guerra. Portanto, parece-me que tens de ver isso.

— Eu? Porquê eu? E porque é que tenho de arranjar maneira de todos podermos entrar e sair da escola?

— Porque és a iniciada super-herói. Eu sou apenas a parceira mais gira. Ah, e a manada dos marados são os teus sequazes totós.

— Lindo — disse eu.

— Vá lá, não stresses. Hás de lembrar-te de alguma coisa. Lembra-te sempre.

Pestanejei com força a olhar para ela, admirada.

— A tua confiança em mim é chocante. — E não estava a brincar. Quer dizer, ela tinha ar de achar que eu resolveria aquela trapalhada.

— Não devia ser. — Voltou a remexer no roupeiro atafalhado. — Sei melhor do que quase todos os outros o quanto tu foste agraciada por Nyx. Que és poderosa, blá, blá, blá, não interessa nada. Portanto, hás de descobrir. Finalmente! Credo, quem me dera que nos deixassem ter governantas aqui. Nunca consigo encontrar nada quando sou obrigada a arrumar as minhas coisas. — Afrodite apareceu com uma vela verde numa bonita base de cristal, e um isqueiro todo artilhado.

— Precisas que eu te ajude a descobrir qualquer coisa de uma vela?

— Não, génio. Por vezes fico *mesmo* a duvidar das escolhas de Nyx. — Passou-me o isqueiro dourado. — Quero que me ajudes a perceber se perdi a minha afinidade com a terra.



OITAVO CAPÍTULO

Olhei para a vela verde e para Afrodite. Estava pálida e tinha os lábios apertados numa linha fina e exangue.

— Não tentaste invocar a terra desde que perdeste a Marca? — Perguntei com brandura.

Ela abanou a cabeça e continuou com ar de quem lhe doía a barriga.

— Pronto, está bem, tens razão. Eu posso ajudar-te a descobrir. Se calhar devia invocar um círculo.

— Foi o que eu pensei. — Afrodite respirou fundo. — Vamos despachar isto. — Dirigiu-se à parede do quarto que ficava do outro lado da cama, e ficou lá, com a vela na mão. — Aqui é o norte.

— Muito bem. — Resolutamente, fui pôr-me em frente a Afrodite. Virei-me para leste, fechei os olhos e concentrei-me. — Enche-nos os pulmões e dá-nos a vida. Chamo o ar ao meu círculo. — Mesmo sem uma vela amarela a representar o elemento – e sem Damien e a sua afinidade com o ar – senti a resposta imediata do elemento quando uma brisa suave soprou sobre o meu corpo.

Abri os olhos e virei-me para a direita, na direção do Sol, ou dos ponteiros do relógio, para sul, onde parei.

— Aquece-nos e mantém-nos seguros e quentes. Chamo o fogo ao meu círculo. — Sorri quando o ar em meu redor me aqueceu com o segundo elemento.

Continuando para a direita, parei a oeste.

— Lava-nos e mata-nos a sede. Chamo a água ao meu círculo.

— De imediato senti a frescura de ondas invisíveis nas minhas pernas. A sorrir, fui pôr-me diante de Afrodite.

— Pronta? — Perguntei.

Ela assentiu e fechou os olhos e ergueu a vela verde que representava o seu elemento.

— Sustenta-nos e rodeia-nos. Chamo a terra ao meu círculo. — Acendi o isqueiro e levei a chama ao pavio da vela.

— Ai, merda! — Exclamou Afrodite. Deixou cair a vela como se a picasse, e ela estilhaçou-se no chão de madeira a seus pés. Quando ergueu os olhos do vidro e da vela partidos, vi que estavam marejados de lágrimas.

— Perdi-a. — A voz dela não era mais que um sussurro e as lágrimas caíam-lhe pela cara abaixo. — Nyx tirou-ma. Eu sabia que ela o faria. Sabia que não era boa o bastante para ela me dar afinidade com algo espantoso como o elemento terra.

— Não acredito que isso tenha acontecido — disse eu.

— Mas viste. Já não sou a terra. Nyx não me deixa representar o elemento — soluçava.

— Não quero dizer que ainda tenhas afinidade com a terra. Quero dizer que não me parece que Nyx ta tenha tirado por não seres digna.

— Mas não sou — disse Afrodite, em voz alquebrada.

— Não consigo acreditar nisso. Olha, deixa-me mostrar-te.

Recuei um passo dela. Desta vez sem a vela de Afrodite, disse:

— Sustenta-nos e rodeia-nos. Chamo a terra ao meu círculo.

Os aromas e os sons de um prado primaveril rodearam-me instantaneamente. Tentando ignorar o facto de que, ao fazer aquilo, Afrodite chorava ainda mais, fui para o centro do meu círculo invisível e chamei o último dos cinco elementos a mim.

— É o que somos antes de nascermos, e aquilo a que voltaremos. Chamo o espírito ao meu círculo. — A minha alma cantou dentro de mim quando o elemento final me preencheu.

Agarrada firmemente ao poder que vinha sempre a mim quando invocava os elementos, levantei os braços acima da cabeça. Inclinei a cabeça para trás, sem ver o céu acima de mim, mas imaginando a escuridão de veludo do céu noturno e envolvente. E rezei – não da maneira que a minha mãe e o marido, o traste do meu padrasto, rezam, todos cheios de falsa humildade e com muitos améns decorativos e sei lá que mais. Não mudei quem era quando rezei. Falei com a minha Deusa tal como falaria com a minha avó ou a minha melhor amiga.

Gosto de acreditar que Nyx aprecia a minha sinceridade.

— Nyx, deste lugar de poder que me concedeste, peço que ouças a minha oração. A Afrodite perdeu muito, e eu não acho que seja por já não te importares com ela. Acho que se passa mais qualquer coisa, e gostaria muito que lhe dissesse que ainda estás com ela – dê por onde der.

Não aconteceu nada. Respirei fundo e concentrei-me outra vez. Já ouvira a voz de Nyx antes. Quer dizer, às vezes ela fala mesmo comigo. Por vezes tenho só pressentimentos. *Qualquer um serve agora*, acrescentei esta parte da oração em silêncio. Depois tentei concentrar-me ainda mais. Fechei os olhos e escutei com tanta atenção o meu âmagô que sustive a respiração e até me doíam os olhos. Aliás, estava tão absorta à escuta, que nem ouvi Afrodite ofegar de choque.

Abri os olhos e a minha boca escancarou-se também.

A flutuar entre mim e Afrodite estava a imagem prateada e cintilante de uma mulher belíssima. Mais tarde, quando eu e Afrodite tentámos descrever uma à outra como ela era ao certo, percebemos que não nos conseguíamos recordar de pormenores, salvo dizermos ambas que ela parecia o espírito que subitamente ganhara visibilidade – o que não era descrição nenhuma.

— Nyx! — Exclamei.

A Deusa sorriu-me, e achei que o coração me ia saltar do peito de felicidade.

— Saudações, minha *u-we-tsi-a-ge-ya* — disse ela, com a palavra cherokee para «filha», tal como a minha avó costumava fazer.

— Fizeste bem em chamar-me. Devias obedecer ao teu verdadeiro instinto com mais frequência, Zoey. Nunca te orientará mal.

Depois virou-se para Afrodite, a qual, com um soluço, caiu de joelhos diante da Deusa.

— Não chores, minha filha preciosa. — A mão etérea de Nyx apareceu e, como num belíssimo sonho que ganhara substância, acariciou a face de Afrodite.

— Perdoe-me, Nyx! — Exclamou ela. — Fiz tantas coisas estúpidas, e cometi tantos erros. Lamento tudo isso. A sério. Não a censuro por me tirar a Marca e a afinidade com a terra. Sei que não mereço nenhuma delas.

— Filha, compreendeste-me mal. Não removi a tua Marca. Foi a força da tua humanidade que a apagou, assim como foi a força da tua humanidade que salvou Stevie Rae. Quer gostes, quer não, serás sempre mais sublimemente humana do que qualquer outra coisa, e em parte por isso te amo tão profundamente. Porém, não penses que agora és uma

mera humana, minha filha. És mais do que isso, mas o que isso significa ao certo, terás de descobrir – e escolher – para ti própria. — A Deusa pegou na mão de Afrodite e fê-la levantar-se. — Quero que compreendas que a afinidade com a terra nunca foi tua, filha. Simplesmente a guardaste para Stevie Rae. Compreendes, a terra não podia verdadeiramente viver dentro dela até a sua humanidade ser restaurada. Foi a ti que eu confiei a salvaguarda dessa dádiva preciosa, assim como foste o veículo pelo qual a humanidade de Stevie Rae lhe foi devolvida.

— Então não me está a castigar? — Perguntou Afrodite.

— Não, filha. Tu castigas-te a ti mesma o bastante, sem intervenção minha — respondeu Nyx com brandura.

— E não me odeia? — Sussurrou Afrodite.

O sorriso de Nyx era radioso e triste.

— Como já disse, amo-te, Afrodite. Amarei sempre.

Desta vez eu soube que as lágrimas que lavavam o rosto de Afrodite eram de alegria.

— Ambas têm um longo percurso pela frente. Grande parte dele farão juntas. Confiam uma na outra. Escutem o vosso instinto. Confiam na voz pequena e calma dentro de cada uma de vós.

A Deusa virou-se para mim.

— *U-we-tsi-a-ge-ya*, há grandes perigos no horizonte.

— Eu sei. Tu não podes querer esta guerra.

— E não quero, filha. Embora não seja a esse perigo que me refiro.

— Mas se não queres a guerra, porque não a impedes? A Neferet tem de te dar ouvidos! Ela tem de fazer o que tu ordenas! — Exclamei, sem saber bem porque de repente me sentia tão agitada, especialmente com a Deusa a olhar para mim serenamente.

Em vez de me responder, Nyx fez uma pergunta sua.

— Sabes qual é a maior dádiva que jamais concedi aos meus filhos?

Pensei bem, mas a minha cabeça parecia um emaranhado de pensamentos em palavras cruzadas e fragmentos da verdade.

A voz de Afrodite soou forte e límpida:

— Livre arbítrio.

Nyx sorriu.

— Exato e correto, filha. E quando concedo uma dádiva, nunca a retiro. A dádiva torna-se na pessoa, e se eu interviesse e ordenasse obediência, especialmente mediante remoção de afinidades, destruiria a pessoa.

— Mas talvez a Neferet te escutasse se falasses com ela como estás a falar connosco. Ela é a tua Sumo-Sacerdotisa — disse eu. — Tem obrigação de te escutar.

— Entristece-me, mas Neferet escolheu não mais me dar ouvidos. É este o perigo de que pretendo avisar-te. Neferet virou a sua mente para outra voz, uma voz que lhe sussurra há muito tempo. Esperei que o seu amor por mim abafasse essa outra voz, mas não. Zoey, a Afrodite é inteligente em muitas coisas. Quando disse que o poder muda as pessoas, tinha razão. O poder muda sempre quem o exerce e aqueles que estão mais perto, embora quem acredite que o poder corrompe sempre pense de forma demasiado simplista.

Enquanto ela falava, reparei que começavam a passar ondas de luminosidade pelo corpo de Nyx, como a bruma beijada pelo luar que se ergue de um campo, e a imagem dela estava cada vez mais difícil de ver.

— Espera! Não vás ainda — supliquei. — Tenho tantas perguntas.

— A vida revelará as escolhas que deves fazer para obteres respostas — disse ela.

— Mas disseste que a Neferet tem estado a ouvir a voz de outrem. Isso quer dizer que ela já não é tua Sumo-Sacerdotisa?

— Neferet abandonou o meu caminho e escolheu o caos. — A imagem da Deusa tremeluziu. — Mas lembra-te, aquilo que concedi nunca hei de revogar. Por isso, não subestimes o poder de Neferet. O ódio que ela está a tentar despertar é uma força perigosa.

— Isso assusta-me, Nyx. Eu... eu estou sempre a fazer asneira — gaguejei. — Sobretudo ultimamente.

A Deusa tornou a sorrir.

— A tua imperfeição faz parte do teu poder. Procura força na terra, e respostas nas histórias do povo de tua avó.

— Seria muito mais seguro se me disseses o que preciso de saber e o que devo fazer — disse eu.

— Como acontece com todos os meus filhos, tens de ser tu a encontrar o teu caminho, e mediante essa descoberta, decidirás aquilo que todos os filhos da terra acabam por ter de decidir – se escolhem o caos ou o amor.

— Por vezes o caos e o amor parecem a mesma coisa — disse Afrodite. Pude ver que ela tentava ser respeitadora, mas havia uma exasperação palpável na sua voz.

Nyx não pareceu importar-se com o comentário dela. A Deusa simplesmente assentiu e disse:

indomável

— Deveras, mas quando procuras mais fundo, verás que, embora o caos e o amor sejam ambos poderosos e cativantes, também são tão díspares quanto o luar da luz do Sol. Lembrem-se... Nunca estou longe dos vossos corações, minhas filhas preciosas...

Com um último clarão de luz prateada cintilante, a Deusa desapareceu.